



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Ciências Sociais**  
**Departamento de Antropologia**

**Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de  
gênero na pornografia**

**Maria Júlia Alencastro Veiga**

Brasília – DF

2015

Maria Júlia Alencastro Veiga

# **Etnografia do PornHub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia**

Monografia apresentada junto ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, para a obtenção de grau de Bacharel de Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Schroeter Simião (ICS/DAN/UnB)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Daniel Schroeter Simião (DAN/UnB)

Prof. Dra. Soraya Resende Fleischer (DAN/UnB)

Brasília, 2015

## **Agradecimentos**

Aos meus pais José e Juci e minha irmã Victória que sempre me apoiaram, mesmo sem entender direito o que eu faço.

Ao professor Daniel Simião pela disposição e paciência em minha orientação, muito obrigada pela leitura atenta e comentários relevantes.

À professora Soraya Fleischer por ter aceitado compor a banca e pelas valiosas sugestões.

Aos meus amigos Amanda, Fifinha, Iara, Sara, Tamine e tantos outros que me acompanharam durante a graduação. Obrigada por fazerem parte da minha trajetória na Unb.

Aos meus amigos Daniel e Barbara pelo auxílio na revisão do texto, muito obrigada pela disponibilidade, amizade e paciência que tiveram comigo durante esse semestre.

À Alessandra que me acompanhou de perto durante o processo de escrita, muito obrigada por ter escutado minhas inquietações e dividido comigo tantos dias na biblioteca.

Ao Departamento de Antropologia e ao corpo docente da Universidade de Brasília pela minha formação.

## Lista de Imagens

Imagem 01: Montagem publicada no twitter ameaçando Mia Khalifa.

Imagem 02: Mapa do PornHub.

Imagem 03: Screenshot das classificações do vídeo Kim Kardashian Sex tape with Ray Jay.

Imagem 04: Foto do avatar da Viper216.

Imagem 05: Frame do vídeo *Moms bang teens*.

Imagem 06: Frame do vídeo *Moms bang teens*.

## RESUMO

A pornografia é largamente consumida na internet. O site *pornhub*, por exemplo, chegou a ter um total de 18,35 bilhões de visitas no ano de 2014. Tendo em vista a magnitude do consumo deste material e a confluência de representações distintas de sexualidade e gênero negociadas por uma enorme quantidade de materiais audiovisuais dispostos na rede, o estudo busca analisar quais relações sociais são mediadas por essas imagens pornográficas. A partir da etnografia do site *pornhub.com* e do auxílio de outras mídias online, como Twitter, é tecida a reflexão acerca das representações de gênero negociadas pela pornografia.

**Palavras-chave:** Pornografia; Antropologia do gênero; Etnografia virtual.

## **Índice**

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
 <b>Capítulo 1 – Sobre gênero e pornografia: perspectivas teóricas</b>	
1.1 O que é pornografia?.....	10
1.2 Definição Jurídica da Pornografia – A experiência Estadunidense.....	12
1.3 Anti-Pornografia X Anti-Puritanas: O embate feminista.....	13
1.4 Confluências de representações de gênero na Pornografia.....	16
1.5 Abordagem teórica: gênero enquanto relacional.....	17
 <b>Capítulo 2 – Caminho metodológico: etnografia virtual do Pornhub</b>	
2.1 Preparando um campo.....	25
2.2 Estrutura do site e Classificação pornográfica.....	28
2.3 Anonimidade e a inversão público/privado.....	35
 <b>Capítulo 3–Representações pornográficas: uma análise de narrativas fílmicas</b>	
3.1 Real e encenado: pornografia enquanto ficção.....	39
3.2 Limites entre o real e o encenado, diferenças e influências do sexo encenado.....	44
3.3 A representação pornográfica.....	50
3.4 Vídeos mais acessados do Porn Hub em 2014.....	51
3.5 Análise etnográfica das representações femininas na pornografia <i>mainstream</i> .....	56
3.6 A linguagem Pornográfica.....	59
3.7 As moneyshots e a centralidade do desejo masculino.....	62
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>65</b>
<b>Glossário.....</b>	<b>69</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>71</b>

## Introdução

O presente estudo visa compreender as representações de gênero negociadas pela pornografia. Por meio de uma etnografia do *pornhub.com*, um dos sites pornográficos mais populares do mundo (com 5800 visitas por segundo) e análise de alguns dos vídeos mais acessados busco entender as relações sociais que a imagem pornográfica *mainstream* estaria mediando.

Ao mesmo tempo em que a pornografia reproduz uma realidade social, pois está imersa dentro de determinado contexto cultural, ela propõe um imaginário de práticas sexuais fantásticas. Sendo a relação entre produtor e consumidor uma questão importante, pois permite pensar no que implica esse imaginário pornográfico proposto por tais vídeos e como o mesmo afeta o espectador, e em contrapartida como a subjetividade do espectador afeta os produtores de imagens pornográficas e por consequência a construção de tal imaginário.

No presente trabalho irei explorar o debate entre correntes feministas antagônicas sobre a pornografia, dentro desse debate retomarei a autora Maria Filomena Gregori para pensar nos limites entre o prazer e o perigo na pornografia, pois ambos estariam presentes o tempo todo nas construções narrativas pornográficas. Uma vez que representações contraditórias de uma mulher violada e objetificada, convivem com representações de uma mulher que gosta de sexo, tomando o controle da cena, e que de maneira nenhuma se deixa ser subjugada pelo seu companheiro de cena. Levo em consideração as ambiguidades que as perspectivas feministas e da literatura acadêmica de gênero apresentam ao longo das discussões a cerca do trabalho sexual.

A imagem é uma manifestação cristalizada de relações sociais, ler imagens implica em classificar esses significados, ler seu sentido. A análise fílmica significa destrinchar as relações existentes entre os diferentes elementos do filme, além de seu conteúdo sociológico deve se levar em conta também os elementos cinematográficos e sua linguagem específica, como o roteiro, o cenário, entre outros (Peixoto 1998). Tendo em vista a relação entre o espectador e o produtor, gostaria de problematizar a linguagem visual pornográfica, seu objetivo.

Uma das questões que explorarei são as relações sociais que a imagem pornográfica medeia. Guy Debord coloca que o espetáculo não é uma coleção de imagens, é uma relação social entre pessoas mediadas por imagens, logo entender essas imagens implica em entender também as relações sociais negociadas ali. Muitas problemáticas diferentes cabem nessa pergunta, sendo que meu enfoque está nas relações de gênero enquanto relacional e na relação entre o produtor e o consumidor daquele material. Gênero enquanto relacional, pois gênero é um marcador importante, porém diversos outros marcadores sociais são tencionados de forma complexa na pornografia.

“Como ponto de partida de uma teoria social do gênero, entretanto, a concepção universal da pessoa é deslocada pelas posições históricas ou antropológicas que compreendem o gênero como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa ‘é’ - e a rigor, o que o gênero ‘é’ - refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (Butler 2003, pg.18)

Pensando na crítica de Butler (2003) ao feminismo que se conforma às exigências da política estável, que acaba por simplificar as “mulheres” ao não fazer uma contextualização cultural, tratando “mulheres” como um sujeito estável, abrindo a guarda assim, para acusações de deturpação cabal da representação. Tentei operar, como a autora afirma que as ações feministas deveriam operar, sem um acordo estável e unitário de identidade, pois a insistência em uma coerência e unidade da categoria “mulheres” exclui a multiplicidade de intersecções culturais, sociais e políticas em que estaria o espectro concreto das “mulheres”, também não trato neste estudo as representações das “mulheres” na pornografia como uma unidade estável.

“A insistência sobre a coerência e unidade da categoria das mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que é constituído o espectro concreto das mulheres (...) Sem a expectativa compulsória de que ações feministas devam instituir-se a partir de um acordo estável e unitário sobre a identidade, essas ações bem poderão desencadear-se mais rapidamente e parecer mais adequadas ao grande número de ‘mulheres’ para as quais o significado da categoria está em permanente debate”. (Butler 2003, pg. 34, 35)

Da mesma forma que a noção de um patriarcado universal subjugando todas as mulheres de todos os cantos do mundo sob um mesmo paradigma é criticada pela inabilidade de explicar os mecanismos de opressão de gênero em seus contextos culturais específicos, penso que deve haver um cuidado ao abordar a pornografia, para não cair em uma crítica reducionista. Tratar a pornografia como a simples objetificação



das mulheres se constitui em um erro, pois não dá conta de abarcar a pluralidade de categorias, *tags*, fetiches e representações negociadas ali, ou mesmo a complexidade em que tal objetificação ocorreria. Um jeito produtivo, assim como é proposto por Butler, seria operar sem um acordo estável de ‘mulheres’, de ‘patriarcado’ ou de ‘objetificação’, pois esta última se dá de muitas formas diferentes dentro da pornografia.

No primeiro capítulo abordo a pornografia sob uma perspectiva de gênero, passando pelo polêmico embate de algumas correntes feministas sobre o assunto. No segundo capítulo apresento uma descrição etnográfica da estrutura do site e exploro as dinâmicas de sociabilidade ali produzidas. No terceiro capítulo analiso as representações de gênero propostas pelas narrativas fílmicas dos vídeos e comento a linguagem visual pornográfica.

Ressalto que ao longo do trabalho usa-se muitos termos em inglês e um vocabulário pornográfico específico utilizado pelos usuários do site, estes termos estão esclarecidos ao longo do trabalho e em um glossário ao seu final.

# Capítulo 1 – Sobre gênero e pornografia: perspectivas teóricas

## 1.1 O que é Pornografia?

O presente trabalho pretende analisar vídeos pornográficos de sexo explícito, veiculados no sítio eletrônico *pornhub.com*, mas o que se constituiria em um vídeo pornográfico? O que define o que é pornográfico e o que é erótico? Por que um filme como *Azul é a cor mais quente* (2013), mesmo contendo várias cenas de sexo explícito, não é considerado pornográfico?

O que define o pornográfico e o erótico não é o conteúdo, mas sim o local e o modo como é veiculado. Dessa forma um filme da produtora *Brazzers* disponível em um site como o *pornhub.com* de forma gratuita é considerado como pornográfico, enquanto *Azul é a cor mais quente* circula por salas comerciais de cinema e é premiado em Cannes, um dos festivais de cinema mais prestigiados, logo é considerado erótico. Bourdieu *apud* Leite Júnior (2012) afirma que a tentativa de distinguir esses dois campos demonstra o esforço para legitimar certas expressões sócio-culturais em detrimento de outras, seguindo a lógica da hierarquização das diferenças dessas mesmas expressões, visando à conquista, manutenção ou perda de capital cultural e social. Essa separação para Leite Júnior reflete apenas um exercício de violência simbólica para legitimar ou não determinadas representações sobre sexo e sexualidade, visando à conquista, manutenção ou perda de capital cultural e social segundo os ‘gostos de classe e estilos de vida. O foco do presente trabalho é na pornografia veiculada na internet, mais especificamente no site *pornhub.com*, porém uso o termo *pornografia* de forma êmica, uma vez que os usuários do site assim denominam os vídeos, não o emprego de forma analítica ou ética. Contudo para esses mesmos usuários a diferença entre erótico e pornográfico seria fluída, uma vez que alguns usuários fazem compilações das cenas de sexo explícito de filmes considerados eróticos, como o próprio *Azul é a cor mais quente* (2013) e disponibilizam no *pornhub.com*. Tais compilações não ficam no site por muito tempo, pois infringem leis autorais e logo são tiradas do ar.

Leite Jr.(2012) se alinha com Bourdieu ao afirmar que nomear é criar, ressaltando assim a importância etimológica da palavra pornografia, traçando as origens da mesma. A palavra teria sua origem atrelada à necessidade de nomear uma coleção encontrada no século XIX por arqueólogos nas ruínas de Pompéia, formada por imagens

e objetos sexuais que à época só eram veiculados dessa forma em obras consideradas obscenas e cuja livre circulação era vetada, pois eram consideradas impróprias. O museu de Nápoles criou assim uma área reservada para a coleção sendo que mulheres, crianças e homens considerados incultos não tinham acesso à mesma. A princípio tal área foi denominada como “gabinete de objetos obscenos”, mas pouco tempo depois a denominação muda para “gabinete de objetos reservados” e em 1860 a coleção passa a ser chamada de “coleção pornográfica”. Pornografia vem da palavra grega *pornographos* que significa “escritos sobre prostitutas”. A palavra pornografia impede a evocação do obsceno e o estímulo à curiosidade associada ao secreto, pois funcionaria como uma barreira linguística devido a sua raiz etimológica grega, uma vez que o acesso a homens incultos e mulheres era vetado, o museu de Nápoles buscou uma palavra que não estimulasse tal público a querer ver a coleção, mas que fosse reconhecida pelos homens cultos que tinham acesso à mesma. A partir da etimologia da palavra pornografia podemos inferir duas coisas: remete a uma experiência privada e a mulher desde o início teria um papel protagonista nesse tipo de representação.

Steven Marcus *apud* Lynn Hunt (1999) relaciona a pornografia e romance aos vastos processos sociais que resultaram no mundo moderno: o crescimento das cidades, que acaba por influenciar o aumento do público leitor; o surgimento de novas experiências, como a privacidade; e a separação entre vida sexual e vida cotidiana, em um mundo urbano, capitalista e industrial. A pornografia seria uma paródia louca da experiência nova e íntima dessas mudanças sociais. Para a autora a obscenidade existiria como distinção entre privado e público.

“A palavra obscena representa o contraste entre diferentes registros sociais da linguagem – rude e elegante, proletária e aristocrática, masculina e feminina. Ao representar a transgressão social, além de uma espécie de hiper-realismo, a linguagem obscena cria o fetiche de certos vocábulos relacionados ao sexo. Ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o status de fetiche. Em consequência, a ênfase no realismo transforma-se, paradoxalmente, em uma forma grotesca, os falos são sempre imensos, as vaginas multiplicam-se e o ato sexual é uma espécie de frenesi improvável. Isso resulta em uma pornografia imaginária e, às vezes, fantástica, ainda que os efeitos sobre os leitores fossem bastante reais”. (Hunt, Lynn 1999; 39)

Hunt também chama atenção para o papel protagonista das mulheres na pornografia, sendo a figura da prostituta a mais recorrente.

“A prostituta pornográfica, tal como Margot (a tagarela opulenta, personagem principal de *Margot laravaudeuse*, de 1750), é muitas vezes retratada como mulher independente, determinada, bem-sucedida financeiramente e desdenhosa dos novos ideais femininos de virtude e vida familiar. Essas obras escritas por homens ignoravam as diferenças sexuais.” (Hunt, Lynn 1999; 40)

Porém a autora chama atenção, igualmente, para a representação feminina nos romances de Sade e no tratado *La Pornographe*, de Restif de La Bretonne. Nessas representações as mulheres eram vítimas e não mulheres determinadas e libertinas, o corpo da mulher era concebido como um bem comum a todos os homens. Logo, o que estava implícito nessa proposta não era a libertação das mulheres, mas a criação de uma comunidade de mulheres a serviço dos homens.

Lynn Hunt (1999) faz uma historiografia da pornografia, começando no ano 1500 a autora afirma que no começo era mais frequente um veículo usar o sexo para chocar e criticar as autoridades políticas. Dessa forma o controle da pornografia era feito em nome da religião e política e não da decência. Somente em meados do século XVIII a pornografia deixa de ser uma forma secundária de crítica à Igreja e ao Estado e passa a ser um objetivo em si mesma.

Hunt é influenciada por Foucault e afirma que a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber. Ela retoma um relatório da Meese Commission de 1986 sobre pornografia, no relatório apenas 16 páginas de dedicavam a história da pornografia enquanto que 49 relatavam sua proibição e regulamentação. Essa desproporção entre a história da prática e a história de sua regulamentação, para a autora, demonstram que os esforços empreendidos para controlar a pornografia também contribuíram para a sua definição. Tendo em vista a importância da regulamentação para a definição da pornografia, retomo a experiência Estadunidense de censura na década de 1960.

## **1.2 Definição Jurídica da Pornografia – A experiência Estadunidense**

A história da proibição da pornografia nos EUA na década de 60 mostra o caráter paradoxal da pornografia que é vista como transgressora de valores morais de uma heterossexualidade compulsória e simultaneamente é visto como conservadora de um status quo político machista de relações de poder assimétricas.

Barroso Silva (2013) faz uma análise da proibição da pornografia nos Estados Unidos com enfoque no âmbito jurídico<sup>1</sup>. De acordo com a pesquisa do autor a pornografia que deveria ser proibida na década de 60 naquele país era definida por três critérios: apelar a interesses lascivos; fazê-lo, de modo patentemente ofensivo; e carecer de qualquer valor social capaz de o redimir. Essa definição é bem ampla e uma variedade de materiais que não necessariamente sejam pornográficos cabe nela. Em 1973 a partir do caso *Miller v. California*<sup>2</sup> é definido um novo critério: material que mostra ou descreve de modo patentemente ofensivo conduta sexual tal como definida por lei estadual, o trabalho deveria carecer de valor literário artístico ou científico e passaria a ser definido localmente e não nacionalmente de modo que os Estados foram chamados a definir obscenidade. A proibição da pornografia seria necessária, pois a mesma entrava em choque com uma concepção de sexualidade sadia heterossexual, dentro do casamento e voltada para a procriação.

Barroso Silva e Maria Filomena Gregori (2003), entre outros, mencionam a articulação de correntes feministas divergentes no que tange a pornografia. A articulação entre o movimento feminista e a pornografia será desenvolvida para evidenciar o caráter contraditório da pornografia, que é vista como transgressora e conservadora simultaneamente, e acaba por ser estigmatizada e rotulada por diferentes setores da sociedade, dependendo dos seus respectivos interesses políticos.

### 1.3 Anti-Pornografia X Anti-Puritanas: O embate feminista

Segundo Barroso Silva (2013) um grupo de feministas cujas principais expoentes são Catharine Mackinnon e Andrea Dworkin, teriam se alinhado à direita

---

<sup>1</sup>Penso que a experiência estadunidense abordada por Barroso Silva elucida bem o argumento proposto no tópico anterior, pois mostra como a definição jurídica de pornografia à época, se valia de avaliações de ordem moral para classificar a pornografia numa tentativa de proibi-la. O significado de pornografia e erotismo é dado socialmente. Como já explicitiei anteriormente, não faço distinções entre os dois. Pornográfico aqui é qualquer representação que contenha sexo explícito, ou que busque incitar sexualmente o espectador daquele material, o sentido da pornografia é socialmente dado e aberto.

<sup>2</sup>O caso se refere ao processo que condenou o réu Miller por propaganda de materiais obscenos a pessoas que não queriam recebê-los. Miller enviou brochuras pornográficas para divulgar seu negócio de entrega de filmes e livros obscenos por correio. A corte da Califórnia usou o caso para redefinir os critérios para classificação de material obsceno, sendo que o caso estabeleceu jurisprudência para outras decisões parecidas. Disponível no endereço eletrônico <  
[http://www.law.cornell.edu/supct/html/historics/USSC\\_CR\\_0413\\_0015\\_ZS.html](http://www.law.cornell.edu/supct/html/historics/USSC_CR_0413_0015_ZS.html)>.

fundamentalista cristã estadunidense para banir a pornografia. Vale a pena ressaltar que entre a pauta deste grupo de direita cristã também estava o impedimento da descriminalização do aborto e a interdição de extensão de direitos aos homossexuais. Este grupo de feministas alegava que a pornografia desumanizaria e subordinaria a mulher ao misturar sexo com violência. A alienação da sexualidade feminina representaria a maior desigualdade feminina. A pornografia para essas feministas seria o veículo mais importante na reprodução sistêmica das desigualdades de gênero.

Em contraponto existia um grupo de feministas que era contra a censura, pois o foco na pornografia seria arbitrário, a misoginia estaria em todo lugar e a pornografia seria sua manifestação cultural. Para esse grupo a existência da pornografia não se limitaria somente a misoginia, sendo que a pornografia teria também questionado os costumes sexuais, promovido aventuras sexuais e o sexo motivado pelo prazer e não somente para fins reprodutivos.

Maria Filomena Gregori (2003) também aborda a articulação entre correntes feministas antagônicas. A autora afirma que no final dos anos 70, nos Estados Unidos, em um contexto de retomada da moralidade tradicional, devido ao grupo republicano e de lideranças religiosas *New Right*, surgem em 1976 o *Woman Against Violence in Pornography and Media*, em 1979 o *Women Against Pornography* e em 1978 o *Samois*, que seria o primeiro grupo lésbico sadomasoquista. Gregori chama atenção para a paradoxalidade da situação, uma vez que a reação ao moralismo republicano foi a criação do movimento contra a pornografia, que tinha um discurso moralista feminista anti-sexo não menos normatizador que o *New Right*. Porém dentro da comunidade lésbica emergiu o *Samois* que desafiava a máxima de que jogos de dominação e submissão existiriam apenas nas relações heterossexuais.

Gregori faz uma crítica aos grupos anti-pornografia, que fazem parte do feminismo radical.

“Catharine Mackinnon – considerada um dos avatares do feminismo radical – apresenta uma análise das relações sexuais como sendo estruturadas pela subordinação de tal modo que os atos de dominação sexual constituem o significado social do ‘homem’, e a condição de submissão o significado social da ‘mulher’. Esse determinismo rígido, segundo Judith Butler, traz pelo menos, duas implicações: em primeiro lugar, a noção de que toda relação de poder é uma relação de dominação, toda relação de gênero, pois, só pode ser interpretada por esse crivo; implica também a justaposição da sexualidade ao gênero – entendido a partir de posições rígidas e simplificadas de poder – associando-o, sem maior exame ao ‘homem’ ou à ‘mulher’. O feminismo radical hasteou sua bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como

um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sadomasoquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. É importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo”. (Gregori, Maria Filomena 2003; pg101-102)

Em contraponto, no começo da década de 80, começam a surgir grupos feministas contrários ao movimento anti-pornografia. Uma conferência realizada em Nova York em 1982 deu origem ao livro *Pleasure and Danger* de Carol Vance. Este livro, segundo Gregori, representa um marco, pois problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação. Influenciada pelo livro Maria Filomena Gregori postula uma análise que articula violência e erotismo, na qual o erotismo visto pela perspectiva de gênero se constitui em prazer e perigo.

“Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos irrefutáveis envolvidos no exercício da sexualidade. Prazer porque há, no limite, uma promessa no erotismo e na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício da reprodução” (Gregori, Maria Filomena 2003; p.103).

Meu trabalho é influenciado por Gregori e tanto o prazer quanto o perigo são levados em consideração ao se fazer uma análise da pornografia *mainstream*, pois ambas as esferas são problematizadas a todo tempo pelos vídeos e pelos usuários do site. Muitas categorias e vídeos elaboram uma narrativa violenta e misógina, porém muitas outras não o fazem. Pelo contrário, elas elaboram uma narrativa onde a mulher tem um papel sexual ativo, não deixando convenções moralistas se colocarem em seu caminho na busca pelo prazer. Tenho o cuidado de evitar generalizações quanto às representações de gênero na pornografia, pois muitos vídeos evocam representações muito distintas entre si, porém sempre deve ser levado em consideração tanto o prazer quanto o perigo em todos os vídeos e categorias.

“Se essa ‘convenção’ amplia, inegavelmente, a discussão sobre a problemática do prazer, em contrapartida, há, ainda, uma tendência a dissociar o prazer do perigo, tornando-os como resultados em separado sem examinar os nexos que estão articulando os dois termos assinalados. Essas novas perspectivas criaram, ao evitar cair no determinismo rígido e simplificador do feminismo radical, uma armadilha, quando não um ardil: uma ênfase em uma concepção de prazer cujo significado não foi inteiramente problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. O lado do ‘perigo’ foi tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer. Nessa transposição, ou passagem, restou entre parêntesis o problema da violência”. (Gregori, Maria Filomena 2003; p.103)

Gayle Rubin *apud* Maria Filomena Gregori afirma que a relação entre sexo e feminismo sempre foi e é complexa, pois a sexualidade seria o nexo da relação entre

gêneros e muito da opressão nasceria, seria medida e se constituiria a partir dela. Essa complexidade se evidencia em uma pluralidade de correntes feministas com posições antagônicas, entre as quais se encontram as “anti-pornografia” e as “anti-puritanas”. Essa contraposição entre as duas vertentes é abordada o tempo todo na literatura de gênero.

#### **1.4 Confluências de representações de gênero na Pornografia**

Piscitelli (2005) faz um apanhado das visões antagônicas sobre a sexualidade que perpassa o debate feminista desde as discussões sufragistas. Alguns grupos entenderiam o sexo como fonte de opressão feminina em uma ordem patriarcal e outros grupos perceberiam como fonte de prazer e poder para as mulheres. A autora retoma Chapkis ao colocar a pornografia e a prostituição no cerne dessa discussão, uma vez que a prostituta ocupa simultaneamente o lugar de escrava sexual e o de agente subversivo da ordem social sexista. Penso que em alguns aspectos pode ser feita uma aproximação entre a prostituta e a atriz pornô, pois ambas estariam inseridas em uma configuração mais ampla de mercado do sexo, sendo que muitas atrizes também se prostituiriam e vice-versa<sup>3</sup>.

De acordo com a visão na qual o sexo é a raiz da opressão e abuso feminino a prostituta acaba por ser vista como um objeto sexual, passiva e carente de poder. Na posição na qual o sexo seria a fonte do maior poder feminino a prostituta seria um símbolo de autonomia sexual da mulher que foge ao controle patriarcal sobre a sexualidade feminina. Haveria ainda outra abordagem, onde o sexo é interpretado como um terreno de disputa, onde haveria uma ordem sexista, porém esta não seria inteiramente determinante, logo, sexo pode ser visto como uma tática cultural que desestabiliza o poder patriarcal, mas também pode reforçá-lo. Para a autora:

“As práticas da prostituição, tais como outra forma de mercantilização e consumo, devem ser lidas de maneiras mais complexas que apenas uma confirmação da dominação masculina: em certas circunstâncias, elas podem ser espaços de resistência e de subversão cultural. Por este motivo, estas linhas consideram que a posição da

---

<sup>3</sup> Para trajetórias de vida e fluxos de atores dentro da rede pornográfica e mercado do sexo ver Díaz Benítez 2009.



prostituta não pode ser reduzida à de um objeto passivo utilizado na prática sexual masculina, mas como um espaço de agência no qual se faz um uso ativo da ordem sexual existente”. (Piscitelli 2005, pg. 14)

As representações das mulheres na pornografia são complexas e polifônicas, muitas categorias identitárias podem ser tensionadas em um único vídeo. Muitas representações são feitas, onde por vezes pode ser evocada uma mulher subversiva ou uma mulher objetificada ou ambas simultaneamente, dentro dos termos de Adriana Piscitelli. Tomemos a categoria *gang bang*, onde boa parte dos vídeos veicula uma narrativa violenta onde uma mulher é subjugada e forçada a fazer sexo com vários homens diferentes. Contudo alguns vídeos de *gang bang* vão veicular uma narrativa na qual a atriz tem um papel ativo e não passivo, sendo que a atriz representa uma mulher insaciável que somente um homem não conseguirá satisfazer. Nessas narrativas é a mulher que subjuga os diversos atores presentes em cena. Não penso ser possível tentar entender a pornografia *mainstream* sob apenas uma vertente, colocando-a assim como objetificadora das mulheres ou como uma subversão de uma ordem sexual sexista, ambas as esferas convivem e são evocadas, por vezes simultaneamente, dentro da pornografia.

### **1.5 Abordagem teórica: gênero enquanto relacional**

A abordagem de gênero no presente trabalho é relacional, no sentido em que para além da identidade de gênero, nossa subjetividade é perpassada por diversos outros marcadores de identidade como raça, classe, idade, entre outras. Segundo Cláudia Lima Costa (1994), esta perspectiva busca atentar ao fato de que:

“Diferenças são efeitos da mútua imbricação das várias categorias de identidade social (raça, classe, etnicidade, nação, etc.), as quais não podem ser agrupadas sob a égide da diferença sexual ou unicamente de gênero. Para Butler, ainda que sejamos mulheres, certamente não é tudo o que somos (ou que possamos vir a ser). Ver a complexa intersecção (não simples adição) dos inúmeros eixos de diferenciação social, sem contudo assumir um fácil paralelismo entre eles, configura o momento mais crucial para a teorização feminista. Ainda que o gênero, como nos mostra de Lauretis, seja fundamental para a constituição de nossas subjetividades, ele simplesmente não existe no vácuo. A experiência de gênero está sempre já moldada, em menor ou maior escala, por outras experiências (como racismo, homofobia), desestabilizando então qualquer noção de identidade como coerente, unitária, e fixa. A identidade (que jamais será unicamente de gênero, portanto o anacronismo dessa expressão), se transforma em um ‘lôcus de posições múltiplas e variáveis, existentes no campo social e possibilitadas por

processos históricos(...) e organizadas através de discursos e práticas que podem ser, e muitas vezes são, mutuamente contraditórias’.” (Lima Costa 1994,pg. 169)

Logo o enfoque não se situa no indivíduo, mas sim no sistema social de relacionamentos dentro do qual os interlocutores se situam. Segundo Lima Costa (1994), esse tipo de abordagem permitira: desenvolver concepção dinâmica de masculinidades e feminilidades como estruturas de relações sociais cujos significados são dados pelo sistema de sexo/gênero da formação social em questão; conceber uma pluralidade de masculinidades e feminilidades em oposição a uma visão de homens e mulheres como dois blocos homogêneos e; perceber gêneros enquanto forjados e incrustados em uma economia semiótica de diferença sexual, permitindo a compreensão de como as diferenças de gênero são construídas ou minadas a partir dos múltiplos vértices da identidade no campo das práticas diárias.

Os vídeos pornográficos evocam e tencionam muitas categorias de identidades sociais. Um único vídeo pode fazer alusão a etnicidade, classe, geração, religião e gênero. Como, por exemplo, o vídeo *Mia Khalifa stepmom Juliana Vega fucks and sucks her boyfriends cock*.

“O vídeo começa com uma madrastra muçulmana lavando louça e olhando pela janela, vigiando sua enteada entrar em casa. A menina que também é muçulmana está se despedindo do namorado, um homem branco estadunidense, o namoro seria proibido e ela está se escondendo da madrastra. A menina está beijando e trocando carícias com o rapaz quando a madrastra surpreende os dois e dá uma bronca na menina, que se irrita e fala que o homem é seu namorado e o convida pra entrar. O homem entra na casa e pede para usar o banheiro, assim que ele está saindo é surpreendido pela madrastra, ela começa a fazer perguntas sobre a fidelidade do rapaz, mas o que no início parecia ser preocupação com a enteada se transforma em provocações sexuais. A madrastra e o homem se juntam a menina na cozinha, enquanto a menina tenta justificar seu namoro a madrastra se esconde de baixo da mesa e começa a fazer sexo oral no rapaz. Quando a menina entende o que está acontecendo ela se junta a madrastra e as duas continuam satisfazendo sexualmente o rapaz até o final do vídeo”.(Excerto diário de campo, vídeo: [www.pornhub.com/view\\_video.php?viewkey=978090839](http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=978090839))

Podemos perceber a partir do vídeo como diferentes categorias de identidade social são tensionadas e acabam por se constituir em um fetiche<sup>4</sup> dentro dos vídeos pornográficos. No vídeo *Mia Khalifa stepmom Juliana Vega fucks and sucks her*

---

<sup>4</sup>O conceito fetiche aparece primeiramente na obra de Marx para designar o fenômeno capitalista onde o trabalho humano se converteria em uma abstração, um fetiche, na mercadoria, logo o consumidor veria só o produto e não o trabalho humano despendido para sua realização. Sendo que a palavra fetiche viria do latim *facticius* que significa fictício, artificial. Para Leite Júnior (2006) o termo fetichismo foi relacionado à sexualidade em 1889 com o catálogo de perversões sexuais de Krafft-Ebbing, a partir daí o termo não significa somente o poder mágico que mascara relações sociais, mas também a adoração de caráter sexual para com objetos ou partes do corpo da pessoa desejada. Fazendo uma associação entre fetiche sexual e mercadológico, o termo pode significar também uma abstração, de uma pessoa, uma nacionalidade, entre outros, em objeto sexual.

*boyfriends cock* percebemos como religião, etnicidade e gerações diferentes foram fetichizadas. Um bom índice disso é o uso de indexadores (*tags*) criados pelos usuários do site para classificar os vídeos.<sup>5</sup> Enquanto o corpo feminino é todo classificado em *tags* e acaba por vezes constituindo categorias, ao corpo masculino não é reservado o mesmo escrutínio. Se uma atriz for gordinha, magra, velha, tiver seios pequenos, tiver seios grandes, estiver depilada, usar determinada lingerie, ou qualquer outra parte do seu corpo e vestuário, pode acabar se tornando um fetiche e ser enunciada por uma tag. Porém se o ator for gordinho, malhado, estiver depilado, não estiver depilado, ou qualquer outra característica, essas não aparecem enquanto *tags* e não são fetichizadas<sup>6</sup>. A única identidade social dos atores que aparece mais claramente demarcada e tensionada é a raça, a presença de atores negros com atrizes brancas se constitui na categoria *interracial*. O homem branco cisgênero<sup>7</sup> heterossexual nunca é fetichizado nos vídeos.

O fato de haver muito maior elaboração simbólica sobre o elemento feminino na construção dos fetiches pode ser pensado como um índice de uma posição desempoderada. Nesse sentido, Larissa Pelúcio *apud* Leite Júnior (2012) afirma:

“A exotização e erotização do ‘outro’ tem sido formas de expressar, simbolicamente, nas relações cotidianas, processos de dominação econômica e cultural. O colonialismo parece ser um desses eventos que saturou de signos eróticos não só as terras ‘exóticas’, mas também seus habitantes. Na tradição moderna ocidental o erótico guarda marcas históricas persistentes que dão sentido aos encontros sexuais contemporâneos”. (Leite Júnior 2012; pg.110).

Para Leite Júnior (2012) esse exotismo não seria um encontro ou troca de desejos e fantasias socialmente estigmatizadas, mas sim, um jeito de manter o ‘Outro’ em uma relação de poder assimétrica. Dentro da pornografia *mainstream* as mulheres e os homens negros aparecem fetichizados, porém é importante ressaltar que o homem negro só aparece fetichizado quando em uma relação com uma mulher branca, se ele aparece em cena com outra mulher negra sua presença não acaba por se constituir em uma *tag*, salvo os casos excepcionais em que o ator também é um pornstar. Somente na

---

<sup>5</sup>No próximo capítulo explorarei o uso de “tags” para categorização das imagens. Nele veremos o lugar central que as mesmas têm na construção do imaginário erótico do site.

<sup>6</sup> Reitero que o presente trabalho se foca em pornografia *mainstream*. Dentro da pornografia voltada para um público homossexual, esses marcadores são tensionados de outra forma, sendo que o ator tem um papel protagonista nessas representações.

<sup>7</sup> Termo utilizado para designar indivíduos que se identificam com o gênero que lhes foi designado no momento de seu nascimento.

relação entre homem negro e mulher branca que as características dos atores aparece fetichizada e demarcada.

Para concluir essa revisão do debate acerca de pornografia e gênero, trago um episódio específico que envolveu a atriz que protagonizou o vídeo descrito acima: Mia Khalifa, atriz pornô libanesa. Em 2014, foi votada a atriz mais popular do Pornhub. Depois de ganhar papel de destaque com a votação, foi duramente criticada por religiosos e pela comunidade libanesa.

Mia Khalifa não é muçulmana, de acordo como sua página na Wikipedia a atriz foi criada em uma família católica, mas não praticaria nenhuma religião. Sua colega de cena Juliana Vega é cubana. Em alguns vídeos protagonizados por Mia as tags *arabic* aparecem ao lado de *indian*, para descrever a atriz, mostrando a imbricação classificatória pornográfica que busca mais exotizar e fetichizar do que descrever.

A escritora libanesa feminista Juliana Yazbeck escreveu uma reportagem no portal de notícias virtual *Now*<sup>8</sup> criticando a atriz. Em seu texto, afirma que a questão não seria se Mia tem ou não o direito de fazer filmes pornô, para a escritora ela tem esse direito e essa não seria a questão. A questão para ela seria a sexualização da mulher libanesa e Mia Khalifa estaria denegrindo essa imagem. A escritora afirma:

“For someone who has struggled so much to assert their presence as a human being with a working, thinking brain, I cannot deny that I felt a pang of despair when Mia erupted across social media and entertainment news. It never even crossed my mind to think, ‘she doesn’t have the right.’ What did cross my mind was: ‘Really? Of the very few Lebanese women who are making global headlines, it had to be a porn star?’ It felt like I had traveled for months, and just as I was nearing my destination, someone used my passport to wipe their ass, undoing all my hard work and sending me back to square one.”<sup>9</sup>

Apesar de Yazbeck falar que a questão não seria o direito de Khalifa de fazer ou não filmes pornôs, penso que sua crítica é um tipo de slut-shaming<sup>10</sup>. A escritora faz o tempo todo, uma avaliação moral do trabalho de Khalifa, se colocando em uma posição

---

<sup>8</sup>Disponível no endereço eletrônico: <<https://now.mmedia.me/lb/en/commentaryanalysis/564616-mamma-mia-how-one-feminist-feels-about-mia-khalifa>>

<sup>9</sup>Tradução livre: “Para alguém que lutou tanto para afirmar sua presença como ser humano pensante, eu não posso negar que senti uma pontada de desespero quando Mia apareceu nas redes sociais e nas notícias de entretenimento. Nunca passou pela minha cabeça ‘ela não tem o direito’. O que passou pela minha cabeça foi: ‘Sério? Dentre as poucas mulheres libanesas que estão nas manchetes globais, tinha que ser a estrela pornô?’ Me senti como se tivesse viajado por meses, e assim que cheguei perto do meu destino, alguém usou meu passaporte para limpar a bunda, desfazendo todo meu trabalho e me mandando de volta ao início”.

<sup>10</sup>Lamb, Sharon define Slut-shaming como o ato de induzir uma mulher a se sentir culpada ou inferior devido à prática de certos comportamentos sexuais que desviam de expectativas ditas tradicionais de seu gênero. O slut-shaming também agiria de forma a policiar e restringir a sexualidade feminina e sua expressão, definindo os limites do comportamento sexual aceitável.

superior à da atriz, pois ela sim teria um cérebro pensante. Yazbeck chega a concluir seu texto com a frase: “We are all free. But that also means we are free to fight with our brains, not just our vaginas”<sup>11</sup>. Para a autora todas somos livres, para fazer o que ela julgar correto.

O incômodo de Yazbeck com o fato de Khalifa também ser libanesa, revela como a nacionalidade, para além de gênero, é uma categoria importante. O que parece mais ter perturbado a escritora era o fato de dividir a nacionalidade com a atriz pornô. Ela afirma: “This is where I think some of us Lebanese women are struggling. It pains me to see a fellow Lebanese woman — or any woman really — turn to sex when she finds it nearly impossible to use her brain in such a patriarchal society”<sup>12</sup>.

Mia Khalifa também recebeu ameaças de morte e duras críticas de religiosos que se sentiram ofendidos por ela usar um hijab no vídeo pornográfico. No twitter o usuário *abdallahbakrr* escreveu para a atriz: “*ur head will be cut soon inshallah*”<sup>13</sup>. O usuário *phantamasgorix* disse: “*sad part about Mia Khalifa filming a porno with a hijab is people are gonna see this and sexualize the hijab*”<sup>14</sup>. O usuário Rah afirmou: “*miakhalifa is a disgrace to the islam religion. What sick person wears a hijab during a porno*”<sup>15</sup>. Outro usuário chegou a postar uma montagem feita a partir do vídeo brutal do assassinato de Steven Joel Sotloff por terroristas islâmicos. Na montagem a cabeça do jornalista é substituída pela de Mia Khalifa e na legenda se lê: em breve.

Figura 1 – Montagem publicada no twitter ameaçando Mia Khalifa.

---

<sup>11</sup>Tradução livre: “Todos somos livres. Porém isso também significa que somos livres para lutar com nossos cérebros, não só com nossas vaginas”.

<sup>12</sup> Tradução livre: “Aqui é onde eu acho que algumas de nós, mulheres libanesas, estamos com dificuldades – ou qualquer mulher, na verdade – se voltar para o sexo quando é quase impossível usar o cérebro em uma sociedade tão patriarcal”.

<sup>13</sup> Tradução livre: “Sua cabeça vai ser cortada logo inshallah”.

<sup>14</sup> Tradução livre: “A parte triste de Mia Khalifa usar um hijab para fazer um pornô é que as pessoas vão ver isso e sexualizar o hijab”.

<sup>15</sup> Tradução livre: “Mia Khalifa é uma desgraça para a religião islâmica. Que tipo de pessoa doente usa um hijab em um pornô”.



Fonte: Google images

A reação da comunidade libanesa e de religiosos mostra como é complexa as imbricações dos filmes pornográficos e muita coisa para além de gênero é tencionada. Uma vez que um único vídeo conseguiu mobilizar feministas, libaneses e religiosos.

Na literatura de gênero que diz respeito à pornografia e a prostituição, frequentemente nos deparamos com um binômio. Para Piscitelli (2005) oprimida/subversiva, para Filomena Gregori (2003) prazer/perigo e para Leite Júnior(2006) submissa/sexualmente voraz. Essas representações paradoxais estão presentes desde o começo na pornografia, Lynn Hunt (1999) ao fazer a historiografia das origens da pornografia também afirma que existiriam dois tipos de representações femininas distintas, com a prostituta determinada e libertina e a prostituta vítima, explorada pelos homens. Ao fazer uma análise dos vídeos pornográficos não se pode perder de vista essas duas dimensões, pois, como já venho afirmando ao longo desse trabalho, as duas são frequentemente evocadas. Nesse sentido, vale destacar, aqui a tensão caracterizada por Leite Junior (2006) acerca das representações do corpo feminino. O autor afirma:

“É curioso notar como, até o séc. XVIII, a imagem da mulher sempre foi associada a uma fúria sexual incontrolada, a um ser de desejo e luxúria insaciáveis. No XIX, a ‘ciência sexual’ tornou a ‘verdade’ sobre a ‘essência da mulher’ o oposto do que era até então. Esta passou a ser entendida como assexuada, sem desejo, voltada apenas para o romântico mundo das emoções e afetos sublimes, tendo como objetivo orgânico e psíquico a maternidade. Curiosamente, o único discurso que manteve a sexualidade feminina como ativa e exigente, foi a então recente pornografia que contrariando o saber científico da época, apresentava a mulher como tão ou mais faminta de sexo e prazeres como o homem”. (Leite Júnior 2006, pg. 162)

Até o século XVIII a imagem da mulher era associada a uma fúria sexual, devido ao mito de origem da humanidade na religião judaica presente em versões

rabínicas e apócrifas, onde Lilith teria sido criada, a partir de sangue e saliva e não de barro como Adão. Ao fazer sexo com Adão, Lilith sempre queria ficar por cima, ante as recusas de Adão ela se irrita e o abandona, indo para o deserto, onde passa a copular com demônios, tornando-se sua fonte geradora. Deus faz assim a segunda mulher de Adão, Eva, a partir de uma costela do mesmo. Eva era mais submissa que Lilith, porém não completamente e acaba por não resistir às tentações e morde o fruto proibido da árvore do conhecimento, originando a miséria da existência. A partir desse mito Leite Júnior chama atenção para a concepção de que o desejo da mulher é algo perigoso e desestruturador da ordem e a sexualidade feminina como causadora de desgraças e sofrimentos.

O autor retoma também Santo Agostinho que durante a Idade Média colocava a mulher como um macho falido, fraco em espiritualidade e próximo aos prazeres terrenos. Foi esse medo desse homem fracassado de sexualidade animaléscia que originou a caça às bruxas. Entre o século XVI e XVII o corpo feminino ainda seria visto como um homem incompleto, assim como proposto por Santo Agostinho, foi no final deste período que a mulher começou a ser entendida como um sexo distinto. Surge assim a noção de masculino e feminino como opostos e complementares.

“Desta maneira, reescreve-se a hierarquia masculina, justificando a desqualificação do feminino agora entendido como frágil, delicado, propenso a doenças e que, por isso mesmo, deve ser mantido dentro de casa. A mulher não é mais vista como inferior ao homem, mas essencialmente diferente dele. Assim, ambos devem ocupar lugares sociais distintos: ao homem racional e prático, a vida pública; à mulher, emotiva e frágil, a criação dos filhos no aconchego do lar. Ainda conforme Silvia Alexim, Rousseau foi um dos grandes articuladores deste ideal, e mesmo em seus textos visando à domesticação feminina, percebe-se um resquício dos antigos conceitos sobre a periculosidade original da mulher que deve ser constantemente vigiada.” (Leite Junior 2006, pg. 160)

O autor continua o texto postulando sobre as ciências da psique que buscavam patologizar ao máximo o prazer feminino. O corpo feminino ainda representava uma ameaça à nova ordem burguesa. A “histeria” vem de “doença do útero”, para Leite Júnior esta expressão indicaria uma ideia de desvio perigoso associada a doenças típicas de mulher e também a concepção de que a mulher seria vista como a versão doente de um modelo masculino sadio.

A partir do texto do autor percebemos os perigos associados à sexualidade feminina cujo exercício em determinado momento histórico desemboca em uma das maiores atrocidades da humanidade a caça às bruxas. E é completamente reprimido em

outro momento, tratado como patologia pelas ciências da psique. O autor tece uma crítica à Freud e sua psicanálise.

“A ideia de que o desejo sexual feminino é um perigo em si mesmo retorna também em Freud com suas teorias sobre a importância da repressão dos excessos sexuais para a sobrevivência da civilização e de como o corpo feminino subverte estes ideais ao não possuir este controle em grau tão satisfatório quanto o homem. Nas ciências da psique, este termo está evidente na categoria das ‘perversões sexuais’ e exemplificado pela ‘ninfomaníaca’.” (Leite Júnior 2006, pg. 166)

Além de Freud o autor cita o caso do cirurgião americano James C. Burt, tal caso seria recente, ocorreu nos anos 80 do século XX. O cirurgião considerava a anatomia sexual feminina inadequada para o sexo. Para este médico maluco a solução era remover a pele do clitóris, deslocando a uretra e alterando a parede entre o reto e a vagina. Muitos colegas de profissão saberiam sobre as cirurgias, mas nada fizeram, em seu livro *Cirurgia de amor* ele relata ter feito à cirurgia em centenas de mulheres.

Leite Júnior também discute as representações do corpo feminino na pornografia:

“Mas como fica este corpo na pornografia? Desde seu início, a mulher é mostrada no universo pornô nestes dois registros analisados: submissa ao desejo masculino e ao mesmo tempo portadora de uma sexualidade voraz e insana. Como um instrumento para a satisfação, o corpo feminino apresenta-se disposto ao coito, pronto para às práticas mais inacreditáveis que visam, antes de tudo, a excitação do público masculino. Como já foi visto, o grande mainstream pornô heterossexual, seja soft core, hard core ou bizarro é feito para atender aos padrões do imaginário sexual masculino.” (Leite Júnior 2006, pg 162)

A partir de Leite Júnior percebemos como essas representações aparecem historicamente na percepção das sociedades, acerca do corpo feminino. Percepções que sempre acabam por se mostrar perigosas para a mulher. Quando somos vistas como sujeitos agentes do nosso prazer e sexualidade acabamos na fogueira com a caça às bruxas, quando somos passivas de natureza maternal, acabamos mutiladas por médicos malucos ou então vistas como histéricas. De qualquer forma o desejo feminino parece ser sempre patologizado. Dessa forma o que as representações feitas pela pornografia da sexualidade feminina buscam propor?

Nesse trabalho vamos analisar algumas dessas representações feitas pelos vídeos mais acessados do pornhub. Antes disso, porém, é preciso conhecer melhor esse sítio eletrônico e o espaço de sociabilidade virtual que ele produz, coisa que passaremos a fazer no próximo capítulo.



## Capítulo 2 – Caminho metodológico: etnografia virtual do Pornhub

No capítulo anterior vimos à pornografia em uma perspectiva de gênero, seus significados e a sua polêmica relação com algumas correntes feministas. Para melhor compreender a questão é necessária uma abordagem etnográfica dos usos da pornografia. O *pornhub.com* se mostra como um espaço adequado para analisar a pornografia *mainstream*, pois é um dos sites pornográficos mais populares do mundo. O site permite a interação dos usuários com o material e entre eles mesmos, logo se constitui em um objeto privilegiado para esse estudo. Neste segundo capítulo pretendo apresentar uma descrição do site e das dinâmicas sociais ali produzidas, de modo a que se possa compreender melhor os mecanismos pelos quais as representações associadas à pornografia são acionadas no consumo dos vídeos ali apresentados. Uma análise etnográfica do *pornhub.com* é fundamental para entendermos as narrativas fílmicas pornográficas ali apresentadas, que serão analisadas no terceiro capítulo.

### 2.1 Preparando um campo

Para construir a descrição que será apresentada, passei um semestre acessando o *pornhub.com* quase que diariamente, observando a interação dos usuários com os vídeos e entre eles mesmos. Busquei entrar nesse universo, assistindo e analisando muitos vídeos pornográficos. Também utilizei outras mídias online como o *twitter* e a *Wikipedia* para buscar mais informações acerca das atrizes e do universo pornô.

Ao acessar o sítio eletrônico [www.pornhub.com](http://www.pornhub.com), o internauta é bombardeado com imagens, vídeos e propagandas pornográficas. Em uma vastidão de corpos, fóruns, usuários e *tags*, o sítio oferece uma enorme variedade de acessos, onde o usuário pode se perder (ou se achar) em uma infinidade de fetiches. Porém, algumas representações persistem e se tornam mais presentes que outras. No decorrer de minha pesquisa de campo dei preferência aos vídeos pornográficos *mainstream*. A delimitação nos vídeos mais acessados permite uma noção mais clara do que está sendo consumido e do imaginário que está sendo proposto. Por exemplo, me deparei com vídeos de

pornografia feminista voltada para mulheres, porém não se pode inferir a partir disso que a pornografia propõe relações simétricas de gênero, pois a grande maioria dos filmes é voltada para um público consumidor masculino e heterossexual. Apesar de existir espaço dentro da comunidade para o dissonante, este ainda é pouco acessado e dentro de uma vastidão de imaginários propostos e consumidos no site, ainda existem muitas constantes e é nessas constantes e lugar comum que o presente trabalho se concentra.

O desafio metodológico dessa pesquisa estava em analisar espaços de silêncio, uma vez que a fantasia é uma experiência extremamente privada e a pornografia é vista como vulgar e proibida (Kulick 2012). O comportamento sexual é objeto de uma preocupação moral, uma vez que é, em geral, considerado como transgressor, pois seria uma expressão perturbadora de prazeres (Gregori & Diaz-Benítez 2012).

Para uma inserção nesses espaços privados, busquei empreender uma etnografia virtual do sítio eletrônico pornográfico: [www.pornhub.com](http://www.pornhub.com). O endereço eletrônico citado permite a anonimidade dos usuários, logo é uma boa saída para se ter contato e estudar essa esfera privada.

As interações sociais que ocorrem no site desenvolvem sua própria lógica. Elas não imitam (e penso que nem tentam imitar) as interações que ocorrem off-line. Dessa forma me aproximo mais da interpretação de Christine Hine (2000) da internet enquanto cenário e não como artefato cultural. Sobre isso Francisco Rüdiger (2012) afirma:

“O primeiro [modo de estudar a internet] a entende com um artefato cultural, cujo sentido depende dos que o criam, desenvolvem e utilizam e, assim, priorizando o estudo dos cenários que lhe são exteriores. A abordagem é feita nos ambientes cotidianos off-line, seja com cientistas, técnicos e profissionais que a desenvolvem, seja com os seus vários grupos de usuários, os cidadãos comuns. O segundo a privilegia como cenário cultural, cuja dinâmica depende dos que a utilizam para criar um mundo virtual possuidor de suas próprias circunstâncias e, assim, foca nas experiências e processos que ocorrem nela enquanto meio de comunicação. A abordagem, no caso, se centra no espaço online, salientando suas peculiaridades, seu caráter de cenário em que a cultura é criada e recriada com uma outra dinâmica”.( Rüdiger, Francisco 2012; p.157)

Um dos fatores que ajudam a corroborar minha abordagem do pornhub.com enquanto cenário cultural é o jeito próprio de se expressar naquele meio com as *tags*. Hine (2000) afirma: “The crucial step in all of these observations is to see features of the Internet interactions as functional in a social sense, enabling the achievement of a

distinct culture” (Hine 2000; pg. 19)<sup>16</sup>. Dentro do pornhub os usuários se expressam de um jeito específico, dando lugar a interações específicas daquele espaço.

O meu enfoque é em cenário cultural, pois este tipo de interação ocorre nesse espaço virtual. Um dos problemas de pesquisa é a relação entre essas imagens e vídeos pornográficos e o consumidor. Essa relação é tangível nesses espaços virtuais, pois são neles que elas ocorrem. Os usuários têm acesso aos vídeos pelo computador e é por meio do mesmo que ocorre a interação com os vídeos e consequentemente com os outros usuários e com as produtoras pornográficas.

Meu objetivo central foi a análise dos vídeos pornográficos *mainstream*, porém também analisei comentários, visualizei os perfis de alguns usuários, acompanhei discussões no fórum de feedback do site. Hine (2000) afirma:

“The Internet is available from the researcher’s desktop, and can be accessed whenever there is time. Newsgroups are often archived, so that the discussions can be retrieved long after they first arose. The potential to go back in time to review events poses some intriguing possibilities for the ethnographer (...) The whole of the discussion is laid out, as it happened, and reviewing events in the field is no longer mediated by the technologies of data recording. It appears that ethnography can be time-shifted so that the ethnographer’s engagement can occur after the events with which they engage happened for participants. Ethnographer and participants no longer need to share the same time frame” (Hine 2000; pg.22, 23)<sup>17</sup>

Também fiz um perfil e sou membro da comunidade, sendo que meu *username* ou nome de usuário é: anthropologist1. Para coletar dados e observar as interações, penso não haver conflito ético, uma vez que todos aqueles dados são públicos e os usuários tem essa consciência de que qualquer pessoa com computador pode ter acesso àquelas informações. Porém para interagir com os usuários penso que se faz necessário uma apresentação que deixe clara minhas intenções de pesquisadora, daí a escolha do *usernameanthropologist1*. Além de observar as interações Hine (2000) postula que o etnógrafo não pode recriar as circunstâncias de acesso de todos os usuários, mas ele pode tentar experienciar o site como um usuário.

---

<sup>16</sup> Tradução livre: O passo fundamental nestas observações é considerar características das interações na Internet como funcionais em um sentido social, permitindo o estabelecimento de uma cultura distinta.

<sup>17</sup> Tradução livre: A Internet está disponível a partir do computador do pesquisador, e pode ser acessada sempre que há tempo. Grupos de notícias muitas vezes são arquivados, de modo que as discussões podem ser recuperadas por muito tempo depois que surgiram pela primeira vez. O potencial de voltar no tempo para analisar os eventos levanta algumas possibilidades intrigantes para o etnógrafo (...) Toda a discussão está apresentada como aconteceu, e a revisão dos eventos de campo não é mediada pelas tecnologias de gravação de dados. Parece que o engajamento do etnógrafo pode ocorrer após os acontecimentos ocorrerem para os participantes. Etnógrafo e participantes já não precisam dividir o mesmo período de tempo e espaço.

“Virtual ethnography is not only virtual in the sense of being disembodied. Virtuality also carries a connotation of ‘not quite’, adequate for practical purposes even if not strictly the real thing (although this definition of virtuality is often suppressed in favour of its trendier alternative). Virtual ethnography is adequate for the practical purpose of exploring the relations of mediated interaction, even if not quite the real thing in methodologically purist terms. It is an adaptive ethnography which sets out to suit itself to the conditions in which it finds itself” (Hine 2000, Pg. 65)<sup>18</sup>

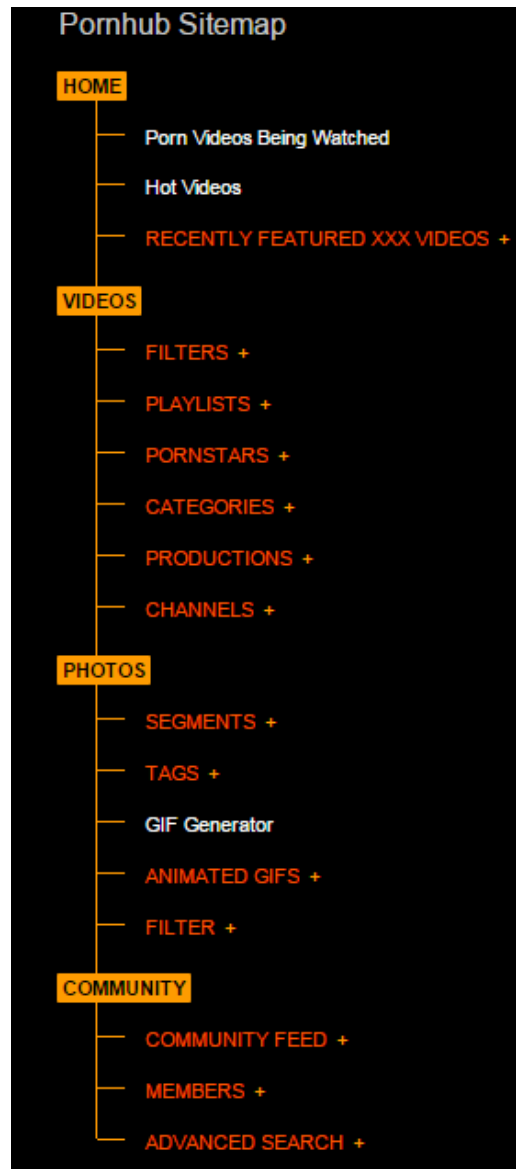
## 2.2 Estrutura do site e Classificação pornográfica

O site está dividido em *home*, *videos*, *photos* e *community*. Segue um mapa do site disponibilizado pelo próprio pornhub.

Figura 2 - Mapa do Pornhub

---

<sup>18</sup> Tradução livre: Etnografia virtual não é virtual apenas no sentido de não possuir um corpo. Virtualidade também carrega uma conotação de “não exatamente”, adequado para propósitos práticos, mesmo se não for estritamente a coisa real (embora essa definição da virtualidade é frequentemente suprimida em favor da sua alternativa mais atual). Etnografia virtual é adequada para a finalidade prática de explorar as relações da interação mediada, mesmo se não é a coisa real em termos metodologicamente puristas. É uma etnografia de adaptação que se propõe a atender-se às condições em que se encontra.



Fonte :[www.pornhub.com](http://www.pornhub.com) (2015)

No Pornhub os usuários podem optar por seguir as produtoras e deixar comentários em suas páginas. As atrizes e atores também têm páginas que permitem comentários. Ao se inscrever no site para participar da comunidade, o pornhub te sugere páginas e usuários para seguir. Essa sugestão é a dos mais populares, os usuários classificam as produtoras e para as mais populares é mais fácil continuar como mais popular, pois com um maior número de seguidores seus vídeos obtém um maior número de visualizações em menos tempo.

A interface com o usuário<sup>19</sup> do pornhub se assemelha com a do youtube.com e a do facebook.com. Se assemelha com a do youtube.com para os internautas que somente entram, assistem aos vídeos e vão embora, e com a do facebook.com para os usuários que também são membros da comunidade, pois assim como o mapa do site mostra o site está dividido por setores. Apesar do número de internautas que só assistem aos vídeos ser muito maior que o da comunidade, é a comunidade que dita o tom do site. São os usuários que sugerem *tags* e classificações, organizando o site. Os vídeos mais visualizados também são bastante influenciados pelos usuários.

Ao entrar no seu perfil todos os vídeos e publicações de usuários e produtoras seguidas pelo usuário aparecem. Logo, esses vídeos acabam por ser mais assistidos, como eles estão sendo mais assistidos acabam por ganhar um destaque e aparecer primeiro quando o internauta digita as *tags* na ferramenta de busca ou navega nas classificações. O internauta pode escolher como será organizada a busca, o site oferece três opções: mais recente, melhor avaliado e mais visto. Dessas opções somente a mais recente não é diretamente influenciada pelos usuários. Para Barabási (2003) *apud* Recuero (2005) tal fenômeno é definido como:

“Barabási (2003) demonstrou que as redes não eram formadas de modo aleatório. Ele acreditava que, como os estudos de Watts e Strogatz, bem como de Granovetter tinham apontado, existia uma ordem na dinâmica de estruturação das redes, algumas leis bem específicas. Essa lei, ou padrão de estruturação, foi chamada por Barabási de “richgetricher”- ricos ficam mais ricos. Ou seja, quanto mais conexões um nó possui, maiores as chances de ele ter mais novas conexões. Ele chamou essa característica de conexão preferencial: Essa assertiva implica em outra premissa fundamental: As redes não seriam constituídas de nós igualitários, ou seja, com a possibilidade de ter, mais ou menos, o mesmo número de conexões. Ao contrário, tais redes possuiriam nós que seriam altamente conectados (hubs ou conectores) e uma grande maioria de nós com poucas conexões. Os hubs seriam os ‘ricos’, que tenderiam a receber sempre mais conexões.” (Recuero, Raquel da Cunha 2005;p.2)

O usuário ao entrar no Pornhub.com se depara com uma enorme variedade de fetiches e possibilidades de acesso. Na página principal aparece como sugestão alguns dos vídeos que estão sendo visualizados, naquele momento, por outros usuários. Ele pode clicar naquelas sugestões ou entrar em categorias, onde os vídeos estão divididos por práticas sexuais. Porém a maioria dos usuários utiliza as *tags* para escolher o que irá visualizar. As *tags* funcionam como marcadores de práticas sexuais ou outros elementos

---

<sup>19</sup> Interface com o usuário é a parte do sistema do site que fica visível para o internauta, é por meio dela que ele interage com o site.

presentes no vídeo. A princípio a impressão que tive foi a de que qualquer elemento presente no vídeo poderia acabar por se constituir em uma *tag*, uma vez que, por vezes, o nome da produtora se mistura com lugares, posições sexuais, nacionalidade, objetos e partes do corpo. Realmente, qualquer coisa pode acabar por se constituir em uma *tag* desde que atrelada a um fetiche e a determina prática sexual. Por exemplo, *table* (mesa), que a primeira vista é uma palavra inocente que não remete a um contexto sexual, enquanto *tag* enuncia que no vídeo haverá sexo em cima de uma mesa, ou que a mesa tem algum tipo de protagonismo no desenrolar de determinada fantasia sexual.

Todas as *tags* remetem a um fetiche, dessa forma o usuário ao procurar um vídeo específico para visualizar, utiliza as *tags* para encontrar o vídeo que procura. Se o usuário tiver uma fantasia específica de lésbicas morenas russas transando em um banheiro, digitará as *tags*: *lesbian*, *brunette*, *russian*, *bathroom* e poderá encontrar o que procura ou o mais próximo disso.

Para Durkheim e Mauss (1981) classificar coisas, é ordená-las em grupos distintos entre si, separados por linhas de demarcação nitidamente determinadas. As categorias pornográficas do sítio eletrônico analisado estão divididas entre *straight videos* e *gay videos*, sendo que existe até um site diferenciado para o público homossexual masculino. Entre as 64 categorias presentes no site somente duas fazem menção a um público gay, que são a *gay* e a *solo male*. De uma forma geral pode-se dizer que existe uma cisão entre os *straight videos* e os *gay videos*, essa seria a linha que demarca mais nitidamente o site. Díaz Benítez (2009) afirma que existiria uma enorme intransigência entre esses dois mundos de forma que se um ator de filmes hetero fizesse um filme gay, mesmo que no papel de ativo sexual ou com uma travesti, este ficaria queimado, viraria um ator *tranqueira* e raramente seria chamado para novos filmes. Da mesma forma uma produtora de filmes hetero ao fazer filmes gays, com travestis ou de fetiches considerados bizarros, mudaria o selo da produtora para não prejudicar a imagem da empresa ou diminuir seu capital simbólico.

Como afirmam Durkheim e Mauss:

“De outro lado, classificar, não é apenas constituir grupos: é dispor estes grupos segundo relações muito especiais. Nós os representamos como coordenados ou subordinados uns aos outros, dizemos que estes (as espécies) estão incluídas naqueles (os gêneros), que os segundos agrupam os primeiros. Há os que dominam, outros que são dominados, outros que são independentes entre si. Toda classificação implica uma ordem hierárquica da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferecem o modelo.”(Durkheim & Mauss 1981; 3?)

A classificação pornográfica estaria hierarquizada sob a lógica de práticas sexuais heteronormativas (a categoria *lesbian* se insere em uma categoria heteronormativa, pois espetaculariza o lesbianismo, tendo em vista o gozo masculino e não de mulheres lésbicas). As categorias que dividem o site são: *Amateur, Anal, Asian, Babe, BBW, Big Ass, Big Dick, Big Tits, Bisexual, Blonde, Blowjob, Bondage, Brunette, Bukkake, Camel Toe, Celebrity, College, Compilation, Creampie, Cumshots, Double Penetration, Ebony, Euro, Exclusive, Fetish, Fisting, For Women, Funny, Gangbang, Gay, Handjob, Hardcore, HD Porn, Hentai, Indian, Interracial, Japanese, Latina, Lesbian, Massage, Masturbation, Mature, MILF, Music, Orgy, Outdoor, Party, Pornstar, POV, Reality, Red Head, Rough Sex, Sex, Shemale, Small Tits, Solo Male, Squirrt, Striptease, Teen, Threesome, Toys, Uniforms, Vintage, Webcam*. A maioria das categorias também aparece repetida nas *tags*, elas estariam subordinadas as categorias, sendo que as *tags* mais populares acabam por se constituir em uma categoria.

Para Durkeim e Mauss:

“Classificação é um sistema de noções hierarquizadas. As coisas não são dispostas simplesmente sob a forma de grupos isolados uns dos outros, mas tais grupos mantêm entre si relações definidas e seu conjunto forma um só e mesmo todo”. (Durkheim & Mauss 1981; pg.450)

Dessa forma qual seria o fio condutor que unifica tantas categorias distintas entre si formando um só e mesmo todo? Penso que o erotismo, a espetacularização do sexo e suas práticas, pois tanto a categoria *funny* quanto a *Interracial* terão vídeos de sexo explícito. Todas as subdivisões do site enunciam práticas sexuais, estas práticas é que acabam por dividir o site em categorias e *tags*.

Todos os vídeos pornográficos do pornhub contém as seguintes informações: número de visualizações, quantas pessoas gostaram e não gostaram e a porcentagem de aprovação, o usuário ou produtora que postou o vídeo, o nome das estrelas pornô, as categorias em que ele está inserido e as *tags*. Os usuários podem colocar sugestões de novas categorias, tags e nomes de atores. Por exemplo, abaixo seguem algumas das classificações dos vídeos mais vistos de todos os tempos do Pornhub.

Figura 3 – Screenshot das classificações do video *Kim Kardashian Sex Tape with Ray Jay*





Fonte: [www.pornhub.com](http://www.pornhub.com)

O vídeo *Japanese Censored School Girl Porn* com 128,215,047 visualizações (o mais visualizado de todos os tempos à época do campo, no primeiro semestre de 2014)

De: Unknown; Estrelas pornô: Maria Ozawa +; Categorias: Asian, Fetish, Pornstar +; Produção: Professional; Etiquetas: asian, fetish, schoolgirl, teen, school, teacher, japanese, natural-tits; Adicionado em : 6 yearsago; Apresentado em: 6 yearsago

O vídeo *Incredibly passionate real sex scene* com 59,611,156 visualizações

De: Viv Thomas; Estrelas Pornô: Mya Diamond +; Categorias: Babe, Brunette, Hardcore, Pornstar, For Women, Exclusive +; Produção: Professional +; Etiquetas: vivthomas.com, pornstar, brunette, big-tits, pussy-licking, hardcore, milf, kissing, cumshot, hungarian, natural-tits +; Adicionado em: 4 yearsago; Apresentado em: 4 yearsago

O vídeo *Tight pussy gets smashed* com 55,954,308 visualizações

De: Unknown; Estrelas porno: Charles Dera, Kayden Kross +; Categorias: Loiras, Estrelas Porno, Adolescentes, Sexo Brutal +; Produção: Professional +; Etiquetas: stockings, schoolgirl, blonde, babe, bathroom, spanking, blowjob, deepthroat, doggystyle, lingerie, close-up, panties, rubbing, couch, tattoo, rough, big-dick, big-tits, skinny +; Adicionado em: 5 years ago; Apresentado em: 5 years ago

O sinal de mais (+) ao final das classificações significa que os usuários podem adicionar novos marcadores, as únicas categorias que não podem ser modificadas pelos usuários são *adicionado em*, *apresentado em* e *from*. Os próprios usuários constroem a estrutura do site e o dividem, sugerindo tags e categorias. No site existe um fórum chamado feedback, onde os usuários fazem diversas sugestões as quais um administrador do site responde e em boa parte dos casos implementa. Segue algumas dessas sugestões:

Usuário anônimo postou: “***Make video download better quality rather than just 240p. Make the video download whatever quality it is streamed in. Having a download button on a porn video is great but the quality of the download (240p) is just horrendous. The pornhub community would greatly appreciate downloads to be at least the quality it is streamed in regardless of hd or 144p.***”<sup>20</sup>(sic)

Brent Hall, gerente de produção do Porn Hub, prontamente respondeu: “*should be done in a week or two*”<sup>21</sup>(sic)

O usuário TDBT postou: “***change the HENTAI category image I suggest you change the HENTAI category image, as it shows Kenshin, the man with the red hair, having gay anal sex with the other character. The HENTAI category isn't about gay sex, and thus should be depicted with heterosexual imagery, or at least something similar***”.<sup>22</sup>(sic)

Bret Hall respondeu: “*Good idea :)*”<sup>23</sup>(sic). É importante ressaltar que pouco tempo depois a imagem foi alterada assim como TDBT sugeriu.

As sugestões postadas no fórum são inseridas em três categorias: *under review*(sob revisão), *planned*(planejado), *completed*(completo). Os dois exemplos citados estão na categoria *completed*. Pela escolha de palavras e atenção dada ao fórum podemos perceber a importância que o site dá para as sugestões de seus usuários. Em nenhum momento eles falam que não aceitam a sugestão, aquelas que não são implementadas eles marcam em *under review*. Dentro do fórum existem diversas sugestões de natureza distintas, assim como podemos perceber pelas sugestões citadas, os usuários opinam e influenciam toda a estrutura do site e seu conteúdo, desde a qualidade do download até as imagens que ilustram as categorias.

A ferramenta de busca mais utilizada nos sites pornográficos são as *tags*, elas funcionam como uma narrativa fragmentada que conta o conteúdo do filme. As tags são uma mistura de vários elementos presentes no vídeo. As tags do vídeo *Tight pussy gets*

---

<sup>20</sup> Tradução livre: Faça os vídeos baixarem em uma qualidade superior a 240p. Faça o vídeo baixar na qualidade em que ele foi postado. Ter um botão para download em um site de pornografia é ótimo, mas a qualidade do download (240p) é horrível. A comunidade do pornhub vai apreciar imensamente se os downloads forem pelo menos na qualidade das postagens, independente do HD (high definition) ou 144p.

<sup>21</sup>Tradução livre: Deverá ser feito em uma semana ou duas.

<sup>22</sup>Tradução livre: Mude a imagem da categoria HENTAI. Eu sugiro que você mude a imagem da categoria HENTAI, pois ela mostra Kenshin, o homem de cabelo vermelho, fazendo sexo anal gay com outro personagem. A categoria HENTAI não é sobre sexo gay, logo deve ser representada com imagens heterossexuais, ou pelo menos algo similar.

<sup>23</sup>Tradução Livre: Boa ideia : ).

*smashed* exemplificam meu argumento, uma vez que *bathroom*(banheiro), *schoolgirl*(aluna), *couch*(sofá), *blowjob*(sexo oral), palavras que evocam significados tão diferentes aparecem juntas e coesas no sentido em que enunciam práticas sexuais do vídeo. As *tags* enunciam um fetiche e quase qualquer coisa pode se constituir em um fetiche.

O vídeo pornográfico não faz rodeios, ele sabe o que o espectador espera dele e o fornece: sexo explícito. A narrativa pornográfica é uma narrativa ansiosa, apressada em que em um vídeo de 8 minutos duas pessoas se conhecem e transam em uma variedade de posições. É uma narrativa repleta de cortes secos, closes e mudanças abruptas de plano. Suas classificações pornográficas refletem bem essa pressa, onde em nenhum momento se vê conjunções entre as palavras e os títulos dos filmes não buscam manter nenhum segredo a cerca do conteúdo do mesmo, pelo contrário, o título busca enunciar da forma mais eficiente tudo que irá acontecer no vídeo.

### 2.3 Anonimidade e a inversão público/ privado

O mundo virtual do pornhub é um mundo de anônimos e como tal opera em uma espécie de inversão do público e privado. A anonimidade desinibe os usuários, mas num esforço de continuarem anônimos não se tem muito acesso a informações pessoais dos mesmos. Poucos usuários se submetem a verificação do pornhub, que consiste em mandar uma foto segurando algum papel com seu *username*, dessa forma eles podem atestar que o usuário é mesmo quem ele fala que é, porém o site não disponibiliza essa foto ele só verifica.

Para Hine (2000):

“Along with virtual community, another prominent topic in the study of online social environments has been identity play. This interest stems from observations that people using text-based environments have often exploited the potential for representing themselves in ways quite different from their offline personae.”(Hine 2000, pg. 19) <sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>Tradução livre: Junto com a comunidade virtual, outro tema de destaque no estudo de ambientes sociais online tem sido a construção de identidade. Este interesse decorre de observações de que as pessoas que utilizam ambientes em que a comunicação é baseada em texto, muitas vezes exploram o potencial para representar-se de forma bem diferente de sua persona off-line.

Logo deve se tomar cuidados ao usar os perfis dos usuários de uma forma descontextualizada, pois boa parte das interações somente tem sentido dentro do próprio site, junto com os vídeos e com os outros comentários. Dentro daquele universo virtual os usuários são reais, mas no ambiente off-line um usuário não verificado que se diz mulher pode ser homem. Não tem como ter certeza se as informações postadas pelos usuários em seus perfis correspondem a uma realidade off-line, por isso dei prioridade para os comentários nos vídeos, onde os usuários estão falando sobre o vídeo e não sobre eles mesmos.

A anonimidade permite uma fluidez indentitária para aqueles usuários, muitos se desinibem e compartilham uma esfera privada da vida, porém outros brincam com a fluidez que o site permite e adotam outra persona, sendo que é quase impossível distinguir um do outro. O site é um ambiente que está o tempo todo evocando fantasias e seu usuário pode dar vazão às mesmas de diversas formas, inclusive adotando outra personalidade.

Campbell (1987) *apud* Robert G. Dunn sobre as fantasias afirma:

“Modern hedonism tends to be covert and self-illusory; that is to say, individuals employ their imaginative and creative powers to construct mental images which they consume for the intrinsic pleasure they provide, a practice best described as day-dreaming or fantasizing” (Dunn, Robert G. 2008 pg 101)<sup>25</sup>

A dimensão da fantasia é muito importante para o site. Talvez uma boa abordagem para o consumo de pornografia seja enquanto uma prática de day-dreaming, porém os usuários não construiriam imagens, essas são propostas pelos vídeos. Penso que eles têm uma participação mais ativa na experiência com a auto projeção possibilitada pelos vídeos, como ficará mais explícito na análise das estratégias narrativas dos filmes (como o uso da câmera subjetiva), no próximo capítulo.

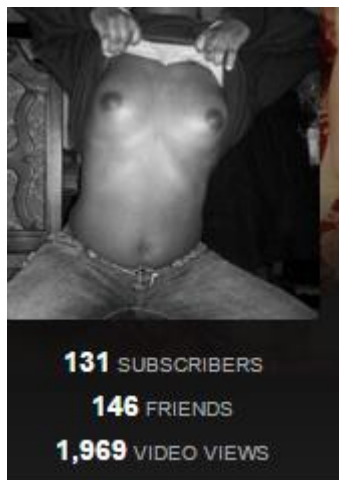
Os usuários do site se identificam pelo *username* e não por seus nomes e nas suas fotos raramente vemos seus rostos. As fotos de usuário geralmente são alguma foto de ator pornográfico famoso, foto de pênis ereto ou dos seios, porém, raramente o rosto do usuário é enquadrado na foto. No site temos acesso a uma esfera privada dessas pessoas, contudo a esfera pública é suprimida, as duas não estão juntas no site. A foto de avatar da usuária *Viper216* que se identifica como mulher, exemplifica bem a

---

<sup>25</sup> Tradução livre: O hedonismo moderno tende a ser secreto e auto ilusório; ou seja, os indivíduos empregam seus poderes imaginativos e criativos para construir imagens mentais que consomem pelo prazer intrínseco que proporcionam, uma prática melhor descrito como day-dreaming ou fantasia.

articulação público/privado dos usuários. A foto é em preto e branco de uma mulher negra sentada erguendo a camiseta de modo a desnudar os seios e esconder o rosto.

Figura 4 – Foto do avatar da *Viper 216*



Fonte: [www.pornhub.com](http://www.pornhub.com) (2015)

Ao desnudar os seios e cobrir o rosto penso que ela fez o que a maioria dos usuários faz, salvo os usuários que ficam famosos na comunidade e acabam se tornando membros verificados, pois quanto mais temos acesso à esfera privada menos eles deixam a pública em evidência. Retomando Hunt (1999) a obscenidade existe como distinção entre público e privado, logo em um espaço dedicado a vídeos “obscenos” essa distinção é evocada.

O *pornhub* funciona também, para os usuários que estão inscritos, como uma comunidade virtual, sendo que o objetivo mais recorrente desses usuários é o sexo virtual. Rheingold (1993) *apud* Hine (2000) define comunidade virtual como:

“Virtual communities are social aggregations that emerge from the net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyber space” (Hine 2000; pg.17)<sup>26</sup>

O site permite acessos diferenciados e cada internauta se relaciona com o site de uma forma diferente, sendo que a maioria só consome os vídeos e não interagem virtualmente com o material, pois o número de visualizações é sempre muito superior que o de comentários e avaliações. Porém muitos usuários interagem entre si, postando

---

<sup>26</sup> Tradução livre: As comunidades virtuais são agregados sociais que emergem da internet, quando uma quantidade suficiente de pessoas leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos para formar redes de relações sociais no ciberespaço.

os próprios vídeos, comentando, trocando mensagens e participando de fóruns. Sendo uma constante comentários desse tipo, onde os usuários utilizam o espaço dos vídeos para buscar outros usuários para fazer sexo virtual:

*pedro40: "Ijessie17...add me on skype roiflor.I"[sic]*

*chopper : "Add me on Kik girls, Username: 69stephen100"[sic]*

Como vimos neste capítulo o *pornhub* é uma comunidade virtual que não é definida espacialmente, mas sim por práticas sociais compartilhadas. Os usuários do site têm uma participação ativa e definidora na estrutura do site, influenciando diversas categorias distintas. Também interagem uns com os outros em uma comunidade que opera com uma espécie de inversão público/privado.

Uma vez conhecido esse cenário, onde o usuário tem uma participação ativa na construção do site, podemos compreender melhor o tipo de consumo que se faz do material pornográfico. Resta-nos, contudo, descrever o material ali disponibilizado. No próximo capítulo busco uma abordagem possível para tanto, analisando as estratégias narrativas de alguns dos filmes disponíveis no site. Com isso, poderemos compreender melhor as representações de gênero feitas pela pornografia e as relações sociais que a imagem pornográfica estaria mediando.

## Capítulo 3- Representações pornográficas: uma análise de narrativas fílmicas

### 3.1 Real e encenado: pornografia enquanto ficção

A pornografia se localiza em um limbo entre o real e o imaginário, evocando tanto a fantasia como a realidade simultaneamente. Ela evoca a fantasia apresentando práticas sexuais espetaculares e a realidade para permitir a auto projeção do espectador no material, estabelecendo o pacto narrativo. Porém é necessário pensar a articulação dessas fantasias com a realidade, especialmente das narrativas que fogem do lugar comum, negociando imaginários sexuais violentos que beiram a “ilegalidade”. Neste tópico farei uma relação entre o espetacular e o verossímil proposto pelos vídeos pornográficos.

Para analisar as representações de gênero negociadas pela pornografia *mainstream* busquei me ater aos vídeos profissionais mais acessados da semana, do mês e de todos os tempos. De modo que quase todos os vídeos aqui descritos foram escolhidos por esse critério. Para não enviesar minha análise tentei me ater aos mais acessados, uma vez que o site contém vídeos com narrativas muito distintas entre si. Onde vídeos feitos para mulheres, como a categoria *For Women* ou *Female Friendly*, convivem com vídeos violentos contra a mulher, como a categoria *rough sex* e a *gangbang*. Penso que analisar os vídeos mais acessados permite uma noção melhor do que estaria sendo negociado pelas representações de gênero da pornografia *mainstream*. Também restringi a análise aos vídeos profissionais, por isso os vídeos das celebridades Kim Kardashian e da Mimi Faust, mesmo sendo muito acessados, não serão analisados aqui, tais vídeos não parecem ser feitos com a intencionalidade de serem vistos pelo público em geral, são vídeos caseiros feitos por pessoas famosas em sua intimidade que acabaram vazando. Logo, estão submetidos à outra lógica de produção que foge ao escopo do meu objeto de pesquisa.

Todos os vídeos que descreverei nesse capítulo são legais, performados por atores maiores de idade em contextos consensuais. O espectador ao assistir um vídeo incluído na tag *teen*, por exemplo, não está assistindo um vídeo com uma adolescente,

mas sim, com uma atriz maior de idade fingindo ser uma adolescente. Na dinâmica da internet, sites como o *pornhub* estão legalmente comprometidos com isso, e os usuários tendem a sabê-lo. Material que possa ser classificado como ilegal não é buscado em sites deste tipo. Para materiais ilícitos, há o que se chama de *deep web*<sup>27</sup>. A *deep web* oferece acesso a arquivos de pedofilia e aos *snuff vídeos*, com assassinatos e estupros em tempo real, logo quem busca um espaço para consumir esse tipo de material criminoso não buscará em sites como o *pornhub*. A existência de narrativas violentas dentro da pornografia *mainstream* deve ser problematizada, mas deve ser problematizada enquanto o que ela é: uma fantasia, uma construção imagética.

Ao analisar os vídeos pornográficos deve se manter em mente que aquelas imagens são construções e não realidades auto explanatórias. Para Clarice Peixoto (1998) a imagem só produziria seus efeitos se o espectador ao assistir o filme entrasse no mesmo de tal modo que seria como se ele estivesse entrando em outro mundo, dessa forma se estabeleceria o pacto narrativo. Os espectadores seriam levados assim a uma reflexão sobre o sujeito.

Para disfarçar o discurso fílmico o realizador esconderia as marcas de seu enunciado. Os vídeos pornográficos apesar de terem como um de seus principais objetivos a projeção do espectador no material não tem essa preocupação excessiva em esconder seus enunciados. No vídeo *Soccer mom Sport fucks on a dare*, por exemplo existem duas câmeras e lâmpadas próprias para iluminação cinematográfica em cima da cama. As câmeras, no vídeo, em diversas ocasiões enquadram a iluminação e a outra câmera, mesmo sendo raro este tipo de enquadramento que deixe evidente a câmera e a iluminação, a linguagem pornográfica na maioria das vezes deixa seus enunciados evidentes de formas sutis, como quando a atriz olha diretamente pra câmera e fala com o espectador ou com a câmera na mão que por vezes deixa a imagem tremida. A pornografia busca se aproximar de uma estética amadora. Paradoxalmente os enunciados que não são ocultados ajudam o espectador a se inserir naquele material, mas de um jeito consciente de que o material não é real e sim um filme. Para Leite Júnior (2006) os atores nos vídeos não estariam somente fazendo sexo, mas fazendo

---

<sup>27</sup> A *deep web* ou *web oculta* são todos os sites que não são indexados por ferramentas de busca padrão como o Google. Os sites da *deep web* não estão registrados em nenhum sistema de busca, logo só é possível achá-los quando eles são criados dinamicamente como resultado de uma busca específica. Um dos sites mais famosos da web oculta é o Silk Road, que foi fechado, tal site funcionava como um mercado negro de drogas, onde as transações monetárias eram feitas por meio das bitcoins. Segundo a Wikipedia o site a partir de 2012, chegou a movimentar 22 milhões de dólares.



sexo para alguém olhar, sendo que tanto os atores como o espectador tem consciência disso, logo a parafernália técnica em evidência serviria para substituir a ingenuidade voyeur pela participação, os suportes técnicos em evidência quebrariam a ilusão da passividade em nome do sonho participativo.

A linguagem pornográfica busca evocar o real, mas penso que somente para estabelecer um pacto narrativo com o espectador e permitir a auto projeção no material. Ela não tem pretensão de elaborar narrativas sexuais ‘reais’ mas sim espetaculares fantasiosas que consigam dar vazão às fantasias do espectador. Da mesma forma que um filme como *Os Vingadores* (2012) busca apresentar um mundo novo fantástico para o seu espectador.

Para Díaz Benítez (2009) a pornografia ressalta dois valores a veracidade e o espetacular, o sexo tem que parecer real, mas ao mesmo tempo chamar atenção, fugir do lugar comum. Há uma necessidade de se estabelecer um pacto narrativo com o consumidor de modo que ele se auto-projete no material, mas ao mesmo tempo tenha acesso a um sexo diferente, coreográfico que contradiga os itinerários de sexo ‘convencional’ e que espetacularize as práticas. O sexo na pornografia tem que parecer real, mas é tão consumido justamente por não ser. O consumidor quer dar vazão às suas fantasias.

Quando um vídeo ultrapassa a linha de fantasia, sendo muito convincente, alguns usuários protestam. Como no vídeo *first voyeurs cams on real public pool* cuja chamada é de câmeras escondidas em piscinas públicas reais, o vídeo é bem convincente, você realmente fica na dúvida se não é uma câmera escondida, porém o vídeo é profissional o que significa que está dentro de parâmetros legais. O usuário321819591falou: “*Alright so what happens when a 9 year old girl takes a shower? I really hope this fake and not real..*”[Sic]. Ou então no vídeo *Moms teach sex – Mom and daughter tag team boyfriend*, onde uma adolescente e a madrasta transam com um jovem. O usuario *ossydo*: *u think this happens in real life? Step mom masturbating daughter?*[sic], ou o usuário *applecock*: “*thats some fucked up shit*”[sic]. Em outro vídeo o *The new Office slut get ganbanging* onde uma mulher é estuprada por três colegas de trabalho, o vídeo começa com a atriz falando que é consensual e que ela tem uma palavra de segurança para avisar os atores se estes

ultrapassarem seus limites e termina com outra entrevista onde a mulher fala que está bem e que trabalharia de novo para a produtora.

O vídeo *The new Office slut get gangbang* se aproxima do sadomasoquismo, pois a produtora do vídeo é a *Kink*, uma produtora conhecida por vídeos que evocam o universo do S/M. Sendo que o próprio vídeo faz referências ao universo sadomasoquista, como a palavra de segurança da atriz. Dessa forma ao fazer considerações acerca da violência no vídeo deve ser feitas algumas considerações. McClintock (2003) sobre o sadomasoquismo afirma:

“Afirmar que no S/M ‘quem quer que seja o senhor tem poder e quem quer que seja o escravo não o tem’ é tomar o teatro pela realidade; é fazer o mundo andar para a frente. A economia do S/M, no entanto é a economia da conversão: de senhor em escravo, de adulto em criança, de poder em submissão, de homem em mulher, da dor em prazer, de humano em animal e, de novo, ao contrário. O S/M como diz Foucault, ‘constitui uma das maiores conversões da imaginação ocidental: a desrazão transformada em delírios do coração’. O S/M é o teatro da transformação: ele faz ‘o mundo andar para trás’.” (McClintock 2003; p. 25)

Díaz Benítez (2009) também cita McClintock ao fazer uma análise da pornografia *teen* que evoca um cenário infantil, sobre essas narrativas a autora afirma:

“Poderíamos pensar que, por detrás da pornografia de ninfetas associada ao infantil, habitaria a intenção de ocupar justamente o espaço vazio deixado por aquela que agora situa-se nos limites da ilegalidade? Poderíamos pensar na existência de um enunciado duplo? Por um lado, esta pornografia incorre em representações evocativas de uma sexualidade ‘proibida’, embora, ao mesmo tempo, se adeque a parâmetros legais, produzindo material consentido feito por e com adultos. De outra perspectiva, este tipo de enunciados e as produções em si inscrevem-se no território da *fantasia sexual*. Há jogos cujo interesse consiste em darem-se entre adultos, apesar de que, por exemplo, um deles esteja vestido como e elabore performances de um adolescente. Corre-se o risco de simplificar a questão, ao se fazer uma relação direta entre ter uma fantasia sexual com uma mulher com roupas de colegial e o fato de se desejar fazer sexo com uma colegial, de fato, ou ainda, de se ter o fetiche com um adulto em trajes de bebê ou de criança e o fato de se ter desejos pedófilos.” (Díaz Benítez, Maria Elvira 2009; p. 159)

O vídeo é violento e me senti bem desconfortável ao assisti-lo, porém deve se relativizar a violência no mesmo. O vídeo por si só é um estupro; o vídeo para os atores é uma encenação feita em um contexto consensual de extremo controle e segurança para a atriz, dado a relação do mesmo com o sadomasoquismo; o vídeo para o espectador é uma encenação consensual de um estupro.

McClintock (2003) em seu artigo analisa o relacionamento de um casal sadomasoquista na era vitoriana. Em sua análise a autora afirma que o S/M é um teatro de signos que oferece controle temporário sobre o risco social.

“Ao projetar e controlar o *enquadramento* da representação, em outras palavras, o quadro de controle – o diário, a câmera, a cena teatral – o ator encena a delirante perda de controle numa situação de controle extremo (...). O S/M é assombrado pela memória. Ao reinventar a memória do trauma e ao encenar a perda de controle numa situação que em realidade é de excessivo controle, o ator ganha poder simbólico sobre a perigosa memória. O S/M permite um triunfo delirante sobre a memória e, a partir desse triunfo, um excesso orgásmico de prazer.” (McClintock 2003; p. 30, 31)

Os comentários do público sobre esse vídeo demonstram a complexidade do mesmo. Boa parte dos usuários que se manifestaram sentiram que alguma linha entre fantasia e realidade tinha sido cruzada, logo condenaram o vídeo. Somente os usuários que não consideraram o vídeo enquanto real parecem ter gostado, demonstrando que os usuários não estavam fantasiando com um estupro, mas sim com aquela atriz fingindo que estava sendo estuprada. Seguem alguns comentários:

*Neyikallah: “rape is wrong” [sic]*<sup>28</sup> tal comentário teve 111 curtidas.

*Shavedballs :”Damn, should this have turned me on as badly as it did? Conflicted lol, but shes so fucking hot!!! loved how they used tape and office stuff. And the interview at the end was really nice to resolve my conflict :PI m sure you’ll be fapping like crazy as i did haha”[sic]*<sup>29</sup> O comentário teve 45 curtidas.

*JDB410: “It would have been hotter if they just left out the rape theme... the sex was hot but the whole rape aspect is just weird. Even if it is only “fantasy,” it still is not nice to watch that. They can be rough with her but why does it have to be filmed as a rape....”[sic]*<sup>30</sup>

*PornYo818: “I love how everyone is complaining that this is wrong because rape isn’t cool. Guys, newsflash, porn is fake!”[sic]*<sup>31</sup>

*jakethe eater119: “what the fuck is this she is getting rape this is not cool”[sic]*<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> Tradução Livre: Estupro é errado.

<sup>29</sup> Tradução livre: Caramba, isso deveria ter me excitado tanto quanto excitou? Estou em conflito risos, mas ela é muito gostosa!!! Amei como eles usaram fita adesiva e coisas de escritório. E a entrevista ao final foi boa para resolver meu conflito; tenho certeza que você vai se masturbar como um maluco assim como eu haha.

<sup>30</sup> Teria sido mais quente se eles tivessem deixado de lado o tema de estupro... o sexo foi quente mas todo o aspecto de estupro é esquisito. Mesmo que seja só “fantasia,” mesmo assim não é bom de assistir. Eles podem ser brutos com ela mas porque tem que ser filmado como um estupro...

<sup>31</sup> Eu amo como estão todos reclamando que isso é errado porque estupro não é legal. Gente, novidade, pornografia não é verdade!

Os usuários sabem que o vídeo que estão assistindo não é real, da mesma forma que um espectador ao assistir *Os vingadores (2012)* sabe que não está vendo um documentário sobre uma liga de super-heróis salvando Nova Iorque de alienígenas. Porém os sites também apresentam a opção de assistir a vídeos amadores, é necessário um cuidado com tal categoria, pois muitas produtoras lançam vídeos com a estética amadora e assim classificam o vídeo que na verdade é profissional. O presente trabalho se foca na pornografia *mainstream* profissional, logo foge do escopo do objeto a análise de vídeos amadores enviados por usuários e não por produtoras. Dentro dessa categoria pode existir uma interação diferente dos usuários com o material.

Porém aqui ainda cabe uma questão, por que de todas as fantasias foi justamente a de um estupro a que foi evocada? Por que esses usuários estão sentindo prazer fantasiando com um ato violento? Retomo as dimensões da fantasia e realidade, a pornografia, apesar de propor uma realidade sexual fantástica ainda está imersa em um contexto cultural misógino que negocia relações assimétricas de gênero. Logo por vezes reproduz essas desigualdades, criando um vídeo que assim como nossa sociedade é também machista e violento.

### **3.2 Limites entre o real e o encenado, diferenças e influências do sexo encenado**

Uma das acusações a que a pornografia é submetida é que a imagem pornográfica estaria influenciando, especialmente os mais jovens, a se comportar sexualmente de maneira precoce e misógina. Os espectadores ao assistir essas representações buscariam reproduzi-las na vida real, levando a um aumento da objetificação feminina.

Toda imagem é uma construção, o sexo performado diante das câmeras por atores não é uma verdade estável que as câmeras captam é um ato construído, mediado, atuado e cada revelação é também é uma dissimulação (Williams 2012). Essa construção tem como um de seus objetivos evocar o espetacular e o verossímil, como foi abordado no tópico anterior, elas não estão reproduzindo uma realidade. Logo o

---

<sup>32</sup> Tradução livre: Que porra é essa ela está sendo estuprada isso não é legal.

debate sobre o acesso de crianças e adolescentes à pornografia, e em que medida as narrativas imagéticas reproduzidas no site “educam” ou “deseducam”, ou seja, estimulam algum tipo de disciplinamento de condutas (incentivam práticas sexuais controversas, reproduzem representações de gênero, etc.), é importante para tecer reflexões sobre o impacto e os usos que o espectador estaria fazendo dessas imagens.

A pornografia não tenta ensinar a fazer sexo, não existe pornografia pedagógica. Ela também parte do pressuposto que seus interlocutores são adultos, todos os sites pornográficos têm avisos que o material é para adultos, alguns chegam até a perguntar se o usuário tem 18 anos. Claro que tais medidas não conseguem sozinhas impedir o acesso de uma criança ou adolescente ao site, pois o mesmo não tem como saber quem está assistindo, a única informação que eles têm é o IP do computador. Dessa forma é trabalho dos pais impedir o acesso dos filhos com aplicativos como o *webblocker* que bloqueia sites que tenham palavras chave como pornografia, pirataria, entre outras e até impede downloads. Cabe aos pais conversar com os filhos sobre sexo e não à pornografia. É muito cômodo e pouco produtivo jogar a culpa na pornografia.

O site de notícias *buzzfeed.com* realizou uma entrevista com várias atrizes pornôs.<sup>33</sup> Uma de suas perguntas foi: “Como você reage a acusações de que a disponibilidade de pornografia na internet tem exposto crianças cada vez mais cedo a imagens explícitas, os levando a agir de uma maneira sexual antes deles entenderem o significado do que estão falando/fazendo?”<sup>34</sup> Abaixo seguem algumas das respostas das atrizes.

Tascha Reign: “Primeiramente – onde estão os pais e figuras de autoridade dessas crianças? E, onde está o sistema de educação sexual do nosso país, quando iremos implementar um sistema eficaz para a proteção da juventude americana? Por que eu nunca tive uma aula sobre consentimento na escola? O que tem de errado com a sexualidade ser uma parte humana natural com que todos nós nascemos? Por que nós temos de nos envergonhar de nossa sexualidades por todas nossas vidas? Uma educação sexual positiva é uma das melhores idéias que já escutei. Se nós tivéssemos uma educação sexual adequada, ‘crianças’ que estão ilegalmente assistindo pornografia para adultos não iriam aprender sobre sexo pelo entretenimento adulto. Nós fazemos esses

---

<sup>33</sup> A entrevista completa está disponível no link: <http://www.buzzfeed.com/richardhjamess/this-is-what-its-actually-like-to-work-as-a-female-porn-star#.plwkz0ezWA>

<sup>34</sup> A entrevista foi realizada em inglês, de modo que a versão disponibilizada acima é uma tradução livre da autora.

filmes para adultos capazes de consentir. De novo – como suas crianças estão assistindo pornografia em computadores que deveriam estar protegidos? Você sabe quantos casos de pedofilia poderiam e deveriam ser prevenidos com simples aulas de educação sexual que começassem mais cedo?”

Jessica Drake: “Eu penso que infelizmente essas acusações são baseadas na verdade. Eu acho que tudo desde o acesso fácil a mídias sociais, os avanços tecnológicos e a negligência dos pais tem culpa. Quando eu descobri a pornografia, foi com algumas fitas de VHS escondidas embaixo da cama do pai do meu namorado. Quando crianças descobrem pornografia agora, eles são bem mais jovens do que eu quando descobri, e existe uma variedade maior de pornografia e uma maior disponibilidade de dispositivos para eles assistirem. Isso influencia seus primeiros encontros sexuais, e eu acho que podem impressioná-los com ideias acerca de como o sexo deveria ser. Eu passo uma quantidade significativa de tempo, durante seminários, explicando para adultos a diferença de assistir pornografia para fantasia versus assistir para educação sexual, mas crianças não entendem. Eu acho que todos nós precisamos estar abertos para discutir sexo e pornografia, e nunca subestimar o que essas crianças já viram. Eu penso que os pais precisam se comprometer a tomar um papel ativo no desenvolvimento da sexualidade de suas crianças.”

Kelly Madison: “Eu diria que hormônios são a causa de crianças agirem de um jeito sexual versus o ambiente, mas eu imploro aos pais que coloquem bloqueadores em todos seus dispositivos eletrônicos, para manter suas crianças seguras, longe da pornografia, de predadores, e de todos os outros tipos de danos que elas não precisam em suas jovens vidas.”

Angela White: “Eu não acho que a pornografia online seja o problema; eu acho que é a falta de educação que faz os jovens se sentirem confusos sobre o sexo, sexualidade e pornografia. Eu acho que educação sexual adequada à faixa etária é absolutamente necessária para adolescentes e crianças. Desse jeito você empodera os jovens com as ferramentas necessárias para interpretar o que eles estão vendo e para entender que nem toda pornografia é um manual adequado para o sexo, do mesmo jeito que a franquia de filmes Velozes e Furiosos não é um manual adequado para dirigir.”

A pornografia sempre é deparada com essa questão, de como sua produção estaria afetando os mais jovens. No fórum de feedback do pornhub, as vezes aparece alguma sugestão nesse sentido. Segue uma dessas discussões:

A usuária Beth postou a seguinte sugestão, sendo que 229 usuários concordaram, votando nela:

*“Add a new section to help teach people about sex. People often use porn as a means to educate themselves about sex. While in cases it can help clarify porn can also raise more questions or in some cases present unrealistic expectations. Therefore, if people are coming to porn websites not just for fun but also to learn about sex how about a section set up primarily as an educational tool answering basic questions? -Of course I suggest this section is packaged in a less formal way than "education". Perhaps "sex tips" or something along those lines.”*<sup>35</sup> (sic)

Algumas considerações devem ser feitas acerca da sugestão de Beth, primeiro ela não sugere uma seção que ensine formalmente sobre sexo, nem está propondo que seja voltada para adolescentes. Para a usuária a seção teria como objetivo responder algumas questões básicas sobre sexo. Seguem abaixo os comentários do gerente de produção do porn hub e de alguns internautas:

Brent Hall, gerente de produção do pornhub, respondeu: *“Maybe “How to”*<sup>36</sup> (sic) Ele marcou a sugestão como *underreview* e não como *planned* o que sugere que não está nos planos do pornhub uma seção assim. Beth gostou da resposta e respondeu o comentário de Brent Hall assim: *“And that is why you're the product manager”*<sup>37</sup> (sic). Brent Hall respondeu mais uma vez: *“LOL Beth, you're funny. Let me check the viability of a category like this. Keep in mind we don't create any content, it's all user uploaded, so if users aren't making it, then it won't be on our site.”*<sup>38</sup>(sic) A resposta de Brent Hall parece ser uma justificativa para não implementar a proposta, como todos os vídeos são

---

<sup>35</sup> Tradução livre: Adicione uma nova seção para ensinar as pessoas sobre sexo. As pessoas freqüentemente utilizam a pornografia para se educarem sobre sexo. Enquanto em alguns casos pode ajudar a esclarecer, a pornografia pode também levantar mais questões e apresentar expectativas irrealistas. Portanto se o publico está vindo aos sites pornográficos não só para se divertirem mas também para aprender sobre sexo, por que não criar uma seção específica como ferramenta educacional para responder essas perguntas básicas? –Claro que eu sugiro que tal seção seja apresentada de um jeito menos formal que “educação”. Talvez “dicas sexuais” ou algo do tipo.

<sup>36</sup>Tradução livre: Talvez uma seção como fazer?

<sup>37</sup> Tradução livre: E é por isso que você é o gerente de produção.

<sup>38</sup> Tradução livre: Risos Beth, você é engraçada. Vou checar a viabilidade de uma categoria assim. Mantenha em mente que nós não criamos nenhum conteúdo, é tudo postado por usuários, logo se os usuários não estão criando, não estará em nosso site.

postados por usuários, sendo que alguns destes usuários são produtoras profissionais de filmes pornô, caberia ao *pornhub* somente organizar o conteúdo e não criá-lo.

Alguns internautas reagiram a proposta de Beth, um internauta anônimo escreveu: *“Given that a lot of American sex ed consists of ‘Don't have sex until you're married, end of lesson,’ I think that putting something like this where people will actually see it could be really helpful. You could potentially do a set of videos, from the basics – how to put on a condom, consent, debunking common myths – to advice.”*<sup>39</sup>(sic) A resposta do internauta sugere duas coisas, a primeira é que vídeos assim teriam que ser feitos, logo não existiriam ainda no *pornhub* (corroborando minha fala de que não existe pornô pedagógico) e a segunda é que tais vídeos não seriam ideais para aprender sobre sexo, mas estariam suprimindo a defasagem do sistema escolar que não forneceria informações adequadas.

O usuário NTP também respondeu Beth, escrevendo: *“I think, that learning about sex in a pornsite, is the worst thing a young person could do! I know that some content makers tried making a series about it. But guys don't want to other guys doing girls they want to do themselves. That series, then tried to use girls on girls. And then the females dont want to watch it.. All in all, series failed very bad. There are about 5 videos on web, that try to explain how things work -- they dont work nor sell. Real sex has to be learned naturally. By trial and error. Maybe ask advice from health forums, they are very friendly and helpful. At the end of the day, none of the things you learn from NET, will work in RL, because people are different. Asking your partner, what she wants. I would devote this. Will never work and morally younger people shoulnt learn sex from porn. Been there, done that! ‘You want to put what in where? OMG’ hahahahaha, longstory, some other time..”*<sup>40</sup>(sic)

---

<sup>39</sup> Tradução livre: Tendo em vista que boa parte da educação sexual americana consiste em “não faça sexo antes do casamento, fim da lição” Eu acho que colocar algo assim onde as pessoas vão realmente ver pode ajudar. Você pode, potencialmente, fazer alguns vídeos do básico – como colocar uma camisinha, consentimento, desconstruindo mitos comuns – para até conselhos.

<sup>40</sup> Tradução livre: Eu acho que aprender sobre sexo em um site pornô é uma das piores coisas que uma pessoa jovem pode fazer! Eu sei que alguns produtores de conteúdo tentaram fazer uma série sobre o assunto. Mas caras não querem ver outros caras fazendo com as garotas o que eles gostariam de estar fazendo. Essa série tentou, então, usar garotas com garotas. E aí as garotas não querem assistir. No geral a série falhou feio. Têm uns 5 vídeos na web que tentam explicar como as coisas funcionam – eles não funcionam nem vendem. Sexo de verdade tem que ser aprendido naturalmente, por erro e tentativa. Talvez pedir conselhos em fóruns de saúde, eles são bem amigáveis e prestativos. No final do dia nenhuma das coisas que você aprende na internet vão funcionar na vida real, porque as pessoas são diferentes. Eu aconselharia perguntar a sua parceira o que ela quer. Essa série não vai funcionar e



Apesar de Beth não ter proposto uma seção para adolescentes, se esse tivesse sido o caso Brent Hall nem teria considerado, uma vez que é ilegal e vai de encontro à política do site, NTP entendeu a seção como voltada para um público mais jovem e condenou a proposta. A partir do usuário também podemos perceber que boa parte dos usuários fazem uma distinção entre sexo na vida real e pornografia.

Linda Williams (2012) fala sobre as diferenças entre a pornografia e o sexo na vida real, a autora cita e rebate o autor Schauer. O autor coloca a pornografia como “uma ajuda plástica ou vibratória, a venda de um corpo via prostituição, ou o sexo em si mesmo. No seu extremo, a pornografia hard core é uma auxiliar do sexo, nem mais nem menos, e o fato de que não haja contato físico é apenas fortuito” (Schauer *apud* Williams 2012, pg. 37). A autora rebate citando Walter Benjamin.

“O que Schauer ignora é a mídia na qual esses atos sexuais existem e a mediação estabelecida pelos assistentes. É a reprodução mecânica de filmes que torna possível a exibição de atos de relações heterossexuais que parecem tão pertos no espaço, senão no tempo. Schauer ignora o que Benjamin (1978) aprecia - nós não apenas imitamos o que vemos, nós também jogamos com isso. Apropriar-se de algo que foi reproduzido por sua semelhança não é o mesmo que apropriar-se da própria coisa. Se o cinema, frequentemente citado como o maior exemplo do choque da modernidade, contribui, como diz Benjamin (1999:104), para quebrar a aura do 'tecido do tempo e do espaço' da experiência religiosa ou estética, devemos então usar o grosseiro e decididamente não estético exemplo de Schauer sobre o supostamente pior caso no cenário para examinar as consequências de tais imagens 'chocantes'.”(Williams 2012, pg. 37,38)

Para a autora a capacidade das imagens de provocar experiências sensoriais, seria constitutiva da imagem, especialmente da pornográfica, porém para a autora não faria muito sentido tratar a imagem pornográfica enquanto pedagógica onde os espectadores de pornografia imitariam as imagens, existe uma diferença entre o sexo real e a pornografia. A autora concorda com Walter Benjamin, haveria uma apropriação das imagens pelo sujeito, o mesmo não se limitaria a uma posição passiva de imitar a imagem, o sujeito jogaria com isso. Apropriar-se do sexo não seria o mesmo que apropriar-se de uma imagem reproduzida por sua semelhança.

“Masturbação diante de uma imagem que se move ou de uma orgia virtual, na qual os casais fazem sexo uns com os outros, tanto quanto ‘com’ os corpos na tela caseira, agora se torna uma prática possível de sexo. Em uma nova era da mídia a questão da pornografia tornou-se, mais do que nunca, a expectativa de que ‘façamos’ sexo com nós mesmos através da imagem na tela.” (Williams 2012, pg. 48).

---

moralmente jovens não deveriam estar aprendendo sobre sexo pela pornografia. Já estive lá, já tentei isso! “Você quer botar o que, aonde? Ai meu Deus” hahahahaha, é uma historia longa talvez eu conte em outra oportunidade.

### 3.3 A representação pornográfica

Ao analisar os vídeos pornográficos parto do pressuposto que os vídeos são representações. O foco do presente trabalho é em pornografia *mainstream*, o site analisado é um dos sites de pornografia mais acessados do mundo com 5800 visitas por segundo e 78,9 bilhões de vídeos visualizados somente no ano de 2014<sup>41</sup>. Logo o site como um todo, com algumas ressalvas, pode ser considerado *mainstream*, até por que as categorias consideradas bizarras como *scatporn* não aparecem no site, ao digitar *scatporn* na ferramenta de busca, nada aparece. Apesar de fetiches extremos como zoofilia e *scatporn* não aparecerem no site, nem todos os vídeos presentes no mesmo podem ser considerados como *mainstream*, devido ao número baixo de acessos. Algumas categorias se destacam e são bem mais acessadas que as outras, é nesse material mais consumido que o presente trabalho se foca, desse modo dei preferência aos vídeos mais vistos da semana, do mês e de todos os tempos. Também busquei analisar os vídeos de produção profissional, por isso não faço muitas referências aos *celebrity sex tape* que apesar de serem muito populares não parecem ser feitos com a intencionalidade de serem vistos pelo público em geral.

Uso o conceito de representação no sentido imagético, pois tudo que está no vídeo foi pensado e construído, não se pode partir do pressuposto que aquele vídeo é ‘real’, foi tudo encenado por atores, instruídos por um diretor diante de câmeras. Sobre o conceito de representação Silva Paiva & Araújo & Barreto (2013) afirmam:

“Essa palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare*, tem o significado de ‘tornar presente’ ou ‘apresentar de novo’, uma noção manifesta no audiovisual tanto ficcional quanto documental. Desse modo, tal conceito pode vir a designar o ato ou efeito de tornar presente; significar algo ou alguém ausente; ser a imagem ou o desenho de algum objeto ou um fato; configurar-se como a interpretação ou a *performance*, através da qual a coisa ausente se apresenta como coisa presente; e funcionar ainda como a caracterização, sempre parcial, de uma posição ou *status* social. Nos estudos audiovisuais, a representação é, normalmente, pensada de modo semelhante às ideias apresentadas por Jacques Aumont e Michel Marie, quando refletem sobre dois momentos distintos, mas interconectados, da prática representacional. O primeiro deles é a encenação, análoga à representação teatral, que seria a passagem de um texto, escrito ou não, à sua materialização por ações em ambientes/ambiência definidos por recursos cênicos; já o segundo momento é a montagem que, por sua vez, se fundamenta desde a escolha de enquadramentos até a construção de uma sequência editada de imagens. Outra maneira de se pensar essa questão no audiovisual é a incidência da ideia de representações sociais que, para Denise Jodelet, compõem um sistema de ‘visões da

---

<sup>41</sup> Dados disponibilizados pelo próprio site no endereço eletrônico: <http://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review/>

realidade' definidor do próprio objeto representado, tanto construindo consensos a respeito de determinados indivíduos e/ou grupos quanto despertando conflitos sobre as imagens relativas a eles. De um ou outro modo, tais representações podem guiar as dinâmicas próprias das trocas humanas cotidianas." (Silva Paiva & Araújo & Barreto 2013; pg. 12,13)

Ao falar que são representações não quero inferir que não tem qualquer vínculo com a realidade, mas deve-se tomar cuidado principalmente ao se falar de pornografia, que já foi diversas vezes acusada de promover a violência contra a mulher e a misoginia. As narrativas pornográficas tencionam diversos marcadores sociais distintos e é claro que exercem impacto no espectador, se não exercesse, ninguém acessaria os vídeos. Contudo, esse impacto não pode ser inferido como universalmente o mesmo para os distintos espectadores, e seus efeitos mais gerais demandariam muito mais etnografia.

### **3.4 Vídeos mais acessados do Porn Hub em 2014**

A partir dos debates apresentados no primeiro capítulo sobre as representações dos corpos femininos, surge a questão do que a pornografia propõe com suas representações da sexualidade feminina. Para levar a questão adiante, faço a análise dos três vídeos mais acessados do *Pornhub* no ano de 2014. A partir deles, podemos compreender melhor como essas representações estão sendo negociadas na prática.

#### **3º vídeo mais acessado: *Belle Knoxfreshoutta Duke University***

Em terceiro lugar com 12,674,986 visualizações é o vídeo *Belle Knox fresh outta Duke University*. O vídeo tem duas estrelas pornô a Belle Knox e o Criss Strokes, está inserido nas categorias: *Big Dick, Brunette, Pornstar, Teen, SmallTits, College, HD*; as tags são: *realitykings, duke, student, freshman, cute, teen, skinny, petite, brunette, small-tits, natural, big-dick, blowjob, shaved, cumshot, facial, 18, young, natural-tits, coed*; a produtora é a realitykings, o vídeo é profissional.

O vídeo é gravado em câmera subjetiva com o homem atrás da câmera conversando com a Belle. Ele começa o vídeo elogiando Belle falando que ela é bonita, tem um belo sorriso. Ele continua a conversa falando que ela tem uma aparência inocente e pergunta se ela é inocente, ou se seriam só as aparências. Ela responde que não é inocente que ela tem um lado nerd, mas também tem um lado pervertido. Eles conversam mais um pouco, ele pergunta do que ela gosta, ela responde que gosta de s/m que ela é submissa e gosta de ser dominada, apesar do vídeo não evocar o sadomasoquismo. Ele pergunta se ela gosta de paus grandes, ela responde que sim e com um corte seco, agora a atriz está fazendo sexo oral no ator. O vídeo continua com os dois transando em uma variedade de posições, a câmera nem sempre fica subjetiva durante essas transições, porém o rosto do ator nunca é enquadrado, apesar do ator também ser uma estrela pornô. O vídeo termina com a tradicional Money shot onde Belle ajoelha na frente do ator que está em pé (nesse momento a câmera fica subjetiva novamente).

Belle Knox é o nome artístico de Miriam Weeks uma jovem que aos 18 anos entrou na Universidade de Duke, uma das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos, para cursar direito. Segundo a página da Wikipedia da atriz<sup>42</sup> ela teria começado a fazer filmes pornô para pagar as mensalidades da Universidade, ela antes teria tentando ser garçonne mas o trabalho interferia com seus estudos e remunerava muito mal. A solução encontrada pela jovem foi entrar no mundo da pornografia, sobre sua entrada nesse universo a atriz disse, ao jornal Daily News<sup>43</sup>: *"I really enjoy sex, and I've always loved watching porn, so it just seemed like I could pay my way through college doing something I really love doing"*<sup>44</sup>. A atriz não pretendia se tornar uma figura pública e no começo mantinha a carreira pornô em segredo. Até que um colega de faculdade a reconheceu e contou para todos o seu segredo. No começo Miriam foi hostilizada, pediram sua expulsão da faculdade e ela chegou até a receber ameaças de morte. A atriz continua estudando e agora pretende se especializar em direitos das mulheres.

---

<sup>42</sup>Endereço eletrônico da página: [http://en.wikipedia.org/wiki/Belle\\_Knox](http://en.wikipedia.org/wiki/Belle_Knox)

<sup>43</sup> Endereço eletrônico da reportagem: <http://www.nydailynews.com/news/national/duke-porn-star-belle-knox-sex-workers-article-1.1712359>

<sup>44</sup> Tradução livre: Eu gosto de sexo e sempre gostei de assistir pornografia, então pareceu que eu poderia pagar minha faculdade fazendo algo que realmente gosto de fazer.

Em uma declaração citada por reportagem do Estadão<sup>45</sup> a atriz diz: “Eu sou eu, e não uma pesquisa do google. Sou uma moça americana. Sou uma estudante da Duke. E, nos filmes sou uma vadia que quer ser castigada. Quem consegue adivinhar qual dessas é uma personagem?”.

## **2º vídeo mais acessado: Miss teen Colorado in first porn ever**

Com 15,592,901 visualizações o segundo vídeo mais assistido foi o *Miss teen Colorado in first porn ever*, o vídeo está incluído nas categorias: *Amateur, Babe, Creampie, Pornstar, Teen, HD*; as tags no vídeo são: *GirlsdoPorn, Homemade, Busty, Young, Colorado, teen, Miss, first-time, brunette*; o vídeo seria profissional e a atriz Kristy Althaus estaria marcada como estrela pornô, apesar desse ser o único vídeo estrelado por ela no pornhub.

O vídeo começa com câmera subjetiva com o homem atrás da câmera, fazendo perguntas para a menina. As perguntas são todas de natureza sexual como: você gosta de pornografia, qual categoria você mais gosta, como foi a primeira vez que você fez sexo? Todas as perguntas parecem também evocar a idade, especialmente com as respostas dela, que afirma que sua primeira vez teria sido com 16 anos e a primeira vez em que ela fez sexo oral com 14. As perguntas contrastam a inocência da atriz evocando sua idade ao mesmo tempo que evocam sua experiência sexual. A conversa termina com o ator falando: acho que essa entrevista acabou você está pronta pra filmar seu primeiro vídeo adulto? Ela diz que sim e manda um beijo para a câmera, com um corte seco ela agora está fazendo sexo oral nele. Eles transam em algumas posições e o vídeo termina com uma  *creampie*.

A atriz do vídeo não teria um nome artístico sendo Kristy Althaus seu nome verdadeiro. Ela realmente seria uma Miss teen, chegando em segundo lugar no concurso de 2012 do Colorado, mas assim que o vídeo apareceu na internet ela perdeu seu posto, sendo que o site do concurso chegou até a apagar seu nome da página dos registros oficiais do concurso. Segundo a biografia de Kristy Althaus no pornhub ela teria usado inicialmente um alter ego, mas como foi reconhecida, o vídeo acabou marcado com Kristy Althaus, por isso não apareceria um nome artístico em sua descrição. Segue a biografia dela no pornhub:

---

<sup>45</sup> Endereço eletrônico da reportagem: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,rebeldesem-calca,1146726>

“Kristy Althaus got a taste of the spotlight when she placed as the runner-up for the Miss Colorado Teen USA Pageant in 2012. Second place isn’t exactly thought of as that impressive, but her achievement wasn’t exactly without prestige; it was a jewel in her crown for future pageant competitions. Well, it would’ve been, had she not been stripped of her title, with all references to her scrubbed from the Miss Teen website. Why was she erased from pageant history, you ask? Because Kristy decided she’d be the first-place star for a change and be the woman everyone is paying attention to. She reached for the heights of superstardom by starring in a hardcore porno. Yes, when she turned 18, she got fucked hard on camera in an intimate scene for GirlsDoPorn. Even though she didn’t initially advertise her pageant background or use her real name, Kristy was recognized, and when the news got out, the media ran with the juicy story of the ‘Miss Teen turned pornstar’. We think she’s better off in XXX movies anyway. Coming into the field as an amateur, she had a surprising knack for handling hard dick and for passionate screwing. Her slutty prowess didn’t go to waste in only one flick either, as she returned to shoot another scene where she power fucks like the pro she now is.”<sup>46</sup>(Retirado do perfil da atriz no pornhub.com).

### **1º vídeo mais acessado: *FUCKING HOT***

Com 19,219,982 visualizações o vídeo mais assistido de 2014 foi *FUCKING HOT*. O vídeo tem duas estrelas pornô: Bruce Venture e Holly Michaels; está inserido nas categorias: *Big Ass, Babe, Big Tits, Pornstar, HD*; está marcado com as tags: *busty, big-boobs, ass, tight, body, pornstar, pussy-eating, deepthroat, female-friendly, tit-fucking, orgasm, big-dick, bubble-butt, tattoo*; e é profissional.

O vídeo começa com uma música alegre e um casal brincando de pique pega pela casa. Os enquadramentos de câmera são diferentes, quase sempre o plano é de conjunto e enquadra os dois atores. A câmera quase não fica subjetiva. Eles se beijam bastante durante o filme e a atriz olha para a câmera em diversos momentos. Esse vídeo é diferente dos que eu visualizei até então, quase não há cortes secos entre as posições sexuais. Nas poucas vezes em que se percebe um corte, este tenta fazer a transição de uma forma mais natural, com um fade-out, existem alguns closes, mas de uma forma

---

<sup>46</sup> Tradução livre: Kristy Althaus teve um gosto da fama quando ficou em segundo lugar no Miss Colorado Teen USA Pageant em 2012. Ficar em segundo lugar não é percebido como um feito impressionante, mas sua conquista não foi sem prestígio; foi a joia em sua coroa para futuros concursos. Bom teria sido, se ela não tivesse sua faixa destituída e todas as referências a seu nome e vitória apagadas do site do concurso. Você pergunta por que ela foi apagada da história do concurso? Porque Kristy decidiu ser a estrela número um e ser a mulher em que todos estão prestando atenção. Ela buscou o estrelato estreando em um filme pornô hardcore. Sim, quando ela fez 18 anos, ela foi fodida fortemente em frente às câmeras em uma cena íntima para o GirlsDoPorn. Mesmo não tendo feito propaganda de seu passado nos concursos de Miss ou usado seu nome real, Kristy foi reconhecida e quando a notícia se espalhou a mídia publicou a história da Miss que virou atriz pornô. De qualquer jeito nós achamos que ela está melhor no universo dos filmes XXX. Entrando em campo como uma amadora ela revelou ter um talento surpreendente para manusear paus duros e para foder com paixão. Suas proezas de vadia não foram desperdiçadas em somente um vídeo, pois ela retornou para filmar outra cena onde ela fode como a profissional que agora é.

geral o enquadramento da câmera é em plano de conjunto, aparecendo os dois atores. A câmera fica subjetiva, adotando o ponto de vista do ator, somente mais para o final do filme quando a atriz faz sexo oral no ator. Mas logo depois o ator retribui o sexo oral na atriz, o que também é raro. O filme não termina com a tradicional Money shot, mas sim com o ator fazendo sexo oral na atriz e ela aparentemente tendo um orgasmo.

Apesar do vídeo ter sido o mais visualizado do ano de 2014, ele é um vídeo atípico que apresenta uma estética diferenciada dos outros vídeos visualizados em campo e parece não centralizar o desejo masculino, mas também não o exclui, o vídeo parece centralizar os desejos do casal.

Os comentários do vídeo são muito interessantes, pois são bem equilibrados com bastantes usuáries comentando também. Tanto os usuários quanto as usuáries parecem ter gostado do vídeo. Seguem alguns dos comentários:

O usuário *taterson* disse: “I love the intro editing, it's all really well done.”<sup>47</sup> (sic)

A usuária *KatherineLovesCock* disse: “I'm soaking wet :) I wanna be fucked like this”<sup>48</sup>(sic)

O usuário *Leejay* disse: “It`s a good fucking video. My little dick got hard. Are there going to be any of these made by blacks or interracial?”<sup>49</sup> (sic)

O usuário *movinonup*, com 16 curtidas, disse: “I love that she gets last treatment. Normally its over once the guy cums. Give the girl her due!”<sup>50</sup>(sic)

A conta de casal dos usuários *MarcNTatyannafucks* disseram: “Damn, that girl is lucky! T.”<sup>51</sup> (sic)

O usuário *Ssalex* disse: “Lucky fucking bastard:)”<sup>52</sup> (sic)

A usuária *masarap31* disse: “so fucking good..iwat=nt to be fuck like that..”<sup>53</sup>(sic)

Tanto os usuários quanto as usuáries, parecem ter gostado do vídeo e fizeram intervenções positivas nos comentários.

---

<sup>47</sup>Tradução livre: Eu amo a edição da introdução, é tudo muito bem feito.

<sup>48</sup>Tradução livre: Eu estou muito excitada:) Eu quero ser fodida assim.

<sup>49</sup>Tradução livre: É um vídeo fodido de bom. Meu pequeno pau ficou duro. Será que vídeos assim serão feitos por negros ou inter-raciais?

<sup>50</sup>Tradução livre: Eu amo que ela recebeu o último tratamento. Normalmente o vídeo termina quando o cara goza. Dê a garota o que ela merece!

<sup>51</sup>Tradução livre: Caramba, essa garota tem sorte! T.

<sup>52</sup>Tradução livre: Que bastardo fodido de sortudo

<sup>53</sup>Tradução livre: Nossa que vídeo fodido de bom, eu quero ser fodida assim..

### 3.5 Análise etnográfica das representações femininas na pornografia *mainstream*

Para tecer reflexões acerca das problemáticas de pesquisa: o que as representações feitas pela pornografia da sexualidade feminina buscam propor? Quais relações sociais a imagem pornográfica estaria mediando? Algumas considerações devem ser feitas. Como o fato da pornografia se constituir em um mercado, sujeito a uma lógica de oferta e demanda. Díaz Benítez (2009) sobre o mercado pornográfico afirma que é uma indústria na qual se faz aquilo que o espectador quer ver, diferente do cinema convencional que seria “artístico” e não “mercadológico”, como teriam opinado algumas pessoas do circuito pesquisado pela autora. As empresas pornográficas estariam atentas ao consumidor e buscariam se afinar ao gosto do público.

A centralidade do desejo masculino também é uma constante nos vídeos pornográficos, mas apesar de constante há espaço para o dissonante, como o vídeo mais assistido de 2014 prova. *Fucking Hot* é um vídeo inserido na extinta categoria *female-friendly*, hoje chamada *For women*, que busca agradar tanto os espectadores quanto as espectadoras. As interações positivas dos usuários com o material e a popularidade do vídeo mostram que vídeos desse tipo são possíveis e rentáveis.

Assim como já venho afirmando em outros momentos do texto, mesmo dentro da pornografia *mainstream* existe uma confluência de representações, que nem sempre negociam as mesmas narrativas. Segundo pesquisa realizada pelo próprio pornhub<sup>54</sup> os termos de busca mais populares mundialmente em 2014 foram: 1º lugar *teen*; 2º *lesbian*; 3º *milf*; 4º *stepmom*; 5º *mom*; 6º *massage*; 7º *squirt*; 8º *cartoon*; 9º *teacher*; 10º *hentai*; 11º *threesome*; 12º *anal*; 13º *stepsister*; 14º *ebony*; 15º *babysitter*; 16º *japanese*; 17º *gangbang*; 18º *indian*; 19º *asian*; 20º *creampie*.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup>Dados disponíveis no endereço eletrônico: <http://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review/>

<sup>55</sup> Os termos mais procurados também variam de país para país, essa seria uma média dessas buscas, sendo que os termos mais procurados no Brasil foram: 1º *brazil*; 2º *brazilian*; 3º *novinha*; 4º *teen*; 5º *anal*. Os termos mais procurados de cada país evocam nacionalidade, somente os países de língua inglesa tem somente tags que enunciam práticas sexuais como os termos mais procurados. O 1º lugar da Alemanha, por exemplo, é *german*, o da França é *french*, o da Rússia é *russian*, e assim por diante. Enquanto que em países cuja língua oficial é o inglês como a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos o termo mais procurado é *lesbian*. Assim como já foi colocado no primeiro capítulo o enfoque do presente trabalho em gênero, é como relacional. Várias categorias de identidade social são evocadas e tencionadas pela pornografia para além de gênero, a nacionalidade também se mostra como uma categoria importante, tendo um lugar de destaque nos termos de busca mais populares.



Um dos termos que chama mais atenção é o *Milf*(*acrônimo de: mother I would like to fuck*) e suas variações *stepmom* e *mom*. Os vídeos identificados por essas *tags* e categoria evocam uma mulher madura, com atrizes como Lisa Ann e Brandi Love, que tem respectivamente 42 e 41 anos, protagonizando os vídeos. Essas atrizes, por vezes, evocam uma figura maternal nos vídeos como no *Moms teach sex – Mom and daughter tag team boyfriend*, tal vídeo é bom para análise, pois está inserido em duas categorias *mainstream* a *Milf* e a *teen*.

O vídeo começa com a propaganda do site da produtora *Momsteachsex.com*, o nome do filme ‘eager to learn’ e o nome das atrizes Dakota Skie e Brandi Love (apesar do ator também ser famoso seu nome é ignorado). A cena tem início com um ângulo aberto em que pode se ver uma mulher mais velha conversando com uma adolescente, elas aparentam ser mãe e filha, a adolescente começa a fazer perguntas sobre sexo para a mulher como ‘do boys like the smell of pussy?’ ou ‘do boys like shaved pussy’ (as perguntas colocam o homem no cerne do desejo feminino de um jeito a transparecer que a maior preocupação feminina seria agradar o homem e ao mesmo tempo acessa duas categorias recorrentes na pornografia os fluídos corporais que são extremamente controlados, uma vez que existem fluídos aceitos e desejados e outros vetados que aparecem somente em determinadas categorias específicas como a pornografia escatológica e a depilação que é uma regra, de modo que na pornografia o normal é a ausência de pelos pubianos, tanto para as mulheres como para os homens, quando existem são em categorias de fetiches específicos e aparecem marcados com as *tags* ‘hairy’ ou ‘bush’, entre outras denominações). Durante a conversa das duas é abordado o prazer feminino com a mulher fazendo perguntas do tipo você se masturba, você faz os exercícios Kegel e falando que as mulheres tem tanto tesão quanto os homens, a mulher pergunta se a adolescente quer aprender a fazer os exercícios kegel. Com um corte seco a jovem está pelada e a mulher está ‘ensinando’ a jovem (nesse momento é explicitado que as duas não são mãe e filha, a mulher mais velha seria a madastra) que continua a fazer perguntas como ‘does everybody pussy looks like this’ para a qual a mulher responde que todas as mulheres são diferentes e únicas como floquinhos de neve (achei bastante perversa essa parte, pois apesar da aparente celebração da diferença ambas as mulheres são brancas, loiras, magras, depiladas, maquiadas. É como se falasse que todas as mulheres são diferentes, mas o grau desejável dessa variação é aceitável dentro de um pequeno escopo). Elas continuam conversando até o ponto em que a

menina pergunta sobre orgasmo nesse momento a mulher começa a masturbar a menina, a câmera muda o enquadramento para a porta do quarto e podemos ver um jovem espiando as duas e se masturbando escondido atrás da porta até a mulher mais velha vê o rapaz e o convida para entrar (essa parte parece confirmar a experiência voyeurística da pornografia de alguém espiando a intimidade de outras pessoas e ao mesmo tempo colocar tal coisa como aceitável e desejável, uma vez que ao invés de ser repreendido o jovem é convidado a entrar). Quando o jovem entra em cena os enquadramentos são mais abertos apesar do ator não ter tanto destaque quanto as atrizes, nesse vídeo ele aparece com mais frequência em comparação com os vídeos que assisti desde então. Nesse vídeo os cortes secos não são tão frequentes, talvez por ser um vídeo inteiro, porém quando se troca a posição sexual é por meio de um corte seco de modo que não vemos os atores mudarem de posição. A câmera está em um ângulo mais aberto do que de costume e existem alguns closes nas genitálias dos atores especialmente nas cenas em que há penetração. O vídeo termina com uma *Moneyshot*.

O vídeo evoca uma figura materna, mas para não ficar muito incestuoso no começo ele explica que a jovem e a mulher não são mãe e filha, penso que nesse vídeo a figura da mãe é evocada, mas em um sentido de centralizar o desejo masculino, onde o jovem consegue ficar com a madrasta e a filha, com a jovem e a velha.

Esses vídeos são transgressores, no sentido em que violam um dos tabus mais universais: o incesto<sup>56</sup>. Talvez uma forma de interpretar esses vídeos seja a partir de Kulick (2012) que ao analisar a pornografia com mulheres obesas, uma categoria que inverte os valores depositados em corpos magros e seus prazeres, retoma Freud colocando que a maneira certa de se assegurar que uma coisa se torne desejável é proibi-la e declara-la má. A pornografia com mulheres gordas que não são consideradas atraentes pela sociedade ocidental contemporânea existe não apesar do fato de que pode causar repulsa, mas justamente por isso.

Outra forma de analisar esses vídeos é como uma ressignificação da figura materna como um ser sexual, dessa maneira seria transgressor de uma figura materna ingênua e assexuada. Uma vez que as mulheres nesses vídeos, especialmente a figura

---

<sup>56</sup>Para Lévi-Strauss (1982) o incesto é um tabu universal, pois é um marco entre a passagem da natureza para a cultura. O caráter universal remeteria ao natural e a interdição do incesto remeteria a cultura, pelo tipo de relação que impõe sua norma, logo seria uma regra social e pré-social. A proibição do incesto também exprime a passagem do fato natural da consangüinidade ao fato cultural da aliança.

das *Milfs*, é a de uma mulher agente de seus desejos, que geralmente sabe mais e guia o homem em cena.

Sobre as performances femininas na pornografia Díaz Benítez (2009) afirma:

“Da mesma maneira que os atores se apresentam como machos hipervirís, as atrizes agem como superfêmeas. Suas figuras são exuberantes; as roupas e a maquiagem que utilizam reforçam ideários aceitos de feminilidade. Ao mesmo tempo, durante o sexo, elas transgridem atitudes tradicionalmente identificadas com as mulheres: temperamento e gestos dóceis, delicados e até indefesos. A partir do lugar que lhes é outorgado, o do feminino (no sentido do passivo/penetrado), elas praticam um sexo irreverente, com agência, dizendo em voz alta o que desejam e como o desejam. Usando expressões performativas como ‘vai’, ‘mete’, ‘forte’, ‘soca’, explicitam seus prazeres e desafiam os padrões de inocência segundo os quais tem sido idealizada a sexualidade da mulher. Se, por um lado, a masculinidade excessiva dos homens evidencia-se em sua capacidade de manter a ereção por longos períodos, em penetrar vigorosa ou até violentamente, entre outras ‘proezas’; por outro lado, o excesso da mulher consiste justamente em suportar a penetração vigorosa ou violenta por um longo tempo e também outros tipos de práticas complexas, levando em conta que, na pornografia hetero, no que diz respeito a estas últimas, são as mulheres que encaram os maiores desafios.” (Díaz Benítez 2009; 169-170)

Assim como foi colocado por Díaz Benítez & Filomena Gregori (2012) a pornografia transgredir e reitera normas de caráter sexual, onde múltiplos corpos, prazeres e diversos discursos sobre gênero, raça, sexualidade, entre outros marcadores sociais, com todos seus enunciados e efeitos políticos convivem.

### **3.6 A linguagem Pornográfica**

Os vídeos pornográficos têm como objetivo o engajamento de seu espectador com o material. É um material que assim como Leite Júnior (2012) afirma, faz um discurso sobre o sexo submetido à lógica da espetacularização que busca atingir a fugacidade das reações físicas e não a constância da razão abstrata. Dessa forma a auto projeção do espectador no vídeo se torna essencial, sendo o objetivo da linguagem visual pornográfica.

Um dos artifícios que a pornografia usa para permitir a auto projeção dos espectadores com os vídeos é a estética amadora. Para Díaz Benítez (2009) a técnica visual da pornografia estaria mais próxima da televisão do que do cinema, pois a textura

do cinema proporcionaria uma percepção visual que simbolicamente afastaria o espectador da imagem.

O modo de se filmar deixa uma impressão de fragmentação com cortes secos, closes e mudanças abruptas de planos. Esse registro é intencional, e tem como objetivo a imersão do espectador e atribuir veracidade para as cenas, o registro propositalmente amador funciona de modo a aproximar o espectador do material.

A fragmentação da cena, também permite a fetichização dos atores. A decupagem feita por Hitchcock na famosa cena do chuveiro em *psicose* (1960), na qual a protagonista é assassinada, é frenética, com closes abruptos, em que a câmera transita rapidamente pela faca e por partes do corpo da atriz. Quebrando a unidade do corpo o diretor conseguiu de certa forma desumanizar a personagem. Penso que a intencionalidade de cortes e closes na pornografia funcione de maneira parecida, pois o que importa não são os atores em cena, mas sim o sexo que está sendo performado.

Baudrillard *apud* Díaz Benítez (2009) coloca que essa ‘alucinação do detalhe’ na pornografia funciona como as ciências médicas, fragmentando o corpo para expor seus pormenores em um excesso de real no seu detalhe microscópico, um voyeurismo da exatidão, do grande plano sobre as estruturas invisíveis das células.

Para haver a auto projeção os vídeos usam alguns artifícios como a câmera subjetiva que adota o ponto de vista do ator, ou atrizes olhando e falando diretamente com a câmera, para dar a impressão em quem assiste de que elas estão falando diretamente com eles. Sendo que o espectador é presumido como um homem heterossexual, há uma centralidade do desejo masculino, logo o ator em cena funciona como uma espécie de avatar do espectador. Um vídeo bom para pensar a auto projeção é o *Moms bang tens – Dakota has some quality time withmilf*.

Neste vídeo a cena começa com uma inocente conversa entre uma atriz que aparenta ser adolescente e uma mulher mais velha em um closet de roupas, a adolescente estaria pedindo roupas emprestadas à mulher que começa a elogiar o corpo da adolescente e logo as duas começam a transar (o começo do vídeo parece ser uma leitura estereotipada do universo feminino com duas mulheres falando sobre roupas em um closet). Com um corte seco passa para outra cena agora elas estão em um quarto e a menina está fazendo sexo oral na mulher, porém a cena não dura muito e elas começam

a conversar, a adolescente começa a se queixar do namorado, e expressa o desejo de que a adulta ensine para o seu namorado algumas coisas, o qual ela prontamente atende e fala pra menina ligar pro namorado. Com outro corte seco a cena passa pro corredor onde se vê um jovem entrando na casa ouvindo ao fundo gemidos e tentando entender a situação ele entra no quarto e vê sua namorada fazendo sexo oral na mulher, no início ele parece estar confuso, mas rapidamente entra em cena e recebe um beijo da adulta que pergunta se ele gostaria de receber sexo oral dela e da sua namorada. Com um corte seco agora a câmera é subjetiva e as duas mulheres estão ajoelhadas na frente do homem, o vídeo até agora estava com a câmera em ângulo aberto mostrando todos os personagens, mas assim que começa a interação sexual entre as mulheres e o homem a câmera fica subjetiva. A câmera abre o ângulo e podemos ver os três personagens, porém o cara fica enquadrado por um breve período só para mudar a posição sexual em que eles se encontram agora o cara está deitado a mulher mais velha está em cima dele, mas olhando para a câmera e não para o rosto do rapaz. Do rapaz só se vê o pênis

Segue alguns frames do vídeo mencionado.

Figura 5 – Frame do vídeo *Moms bang teens*



Fonte: [http://www.pornhub.com/view\\_video.php?viewkey=1508063663](http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=1508063663) (2015)

Figura 6 – Frame do vídeo *Moms bang teens*



Fonte: [http://www.pornhub.com/view\\_video.php?viewkey=1508063663](http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=1508063663) (2015)

O vídeo *Moms Bang teens –Dakota has some quality time with milf* não está inserido na categoria *point of view* ou *POV*, mas mesmo assim apresenta câmera subjetiva. O registro da interação sexual, especialmente as cenas em que há penetração, seja essa anal, oral ou vaginal é quase sempre feito com câmera subjetiva. A presença do ator em cena em muitos casos é reduzida a um falo. Observemos a figura 5 e a figura 6, na primeira o ator também está enquadrado e o plano é geral, sendo que a câmera está em um ângulo aberto, onde se vê todos os personagens. Quando somente as duas mulheres estão em cena o plano continua geral, porém a partir do momento em que começa a ocorrer a interação sexual entre as mulheres e o rapaz a câmera fica subjetiva como na figura 6. No vídeo analisado o ator também é um personagem e tem uma elaboração bem maior que nos outros vídeos analisados, onde muitas vezes o ator não é enquadrado nem uma vez em cena, mas mesmo assim quando ocorre interação sexual a câmera fica subjetiva para permitir a auto projeção do espectador.

### **3.7 As *Money shots* e a centralidade do desejo masculino**

O enquadramento da figura 6 é também o enquadramento da *Money shot*, e de quase todas as cenas de sexo oral. Nessas cenas percebemos que o falo está enquadrado no centro, por vezes na pornografia o falocentrismo chega a ser literal.

As *moneyshots* ou *cumshots* são as cenas de ejaculação masculina e uma constante na pornografia, elas consistem no clímax do filme. Díaz Benítez (2009) em

sua tese de doutorado retoma Ziplow ao falar que se não há uma *moneyshot* não há um filme pornô, opinião que foi corroborada por seus entrevistados. A ejaculação feminina também teria um lugar de destaque, constituindo-se em uma categoria pornográfica muito popular a *squirt*, porém na grande maioria dos vídeos o prazer feminino é evidenciado/representado por gemidos performáticos e exagerados.

A importância da *moneyshot* é tanta que somente sua presença já diferencia uma amostra grátis da produtora em um vídeo pago. Em um dos vídeos que visualizei da produtora *Stranded teens*, no porn hub e postado pela própria produtora como um teaser, tive a chance de visualizar o vídeo completo, pois um usuário colocou o link para o mesmo nos comentários. Para se ter acesso ao vídeo completo o usuário deveria ser assinante do site da produtora e pagar uma mensalidade de 20 dólares, logo o vídeo ao qual tive acesso é uma cópia pirateada. A única diferença entre o vídeo gratuito do porn hub e o vídeo que os assinantes teriam acesso era a *moneyshot*.

A ejaculação masculina é um dos fluidos corporais mais valorizados na pornografia, é o seu objetivo final. O material pornográfico busca o engajamento físico de seu espectador com a masturbação e o produto final do orgasmo masculino é o gozo. Abaixo segue alguns excertos do meu diário de campo que descrevem *Money shots*.

“O gozo masculino é o ápice do filme e tem toda uma preparação, nessa moneyshot específica o ator interrompe o coito para gozar na boca da atriz e o filme termina com um close no rosto dela mostrando o esperma em sua boca e espalhado por seu rosto. O prazer masculino é o objetivo da pornografia, tanto que a consumação do mesmo é o ápice do filme.” Diário de campo, vídeos da *Strandedteens*  
<http://www.pornhub.com/users/strandedteens>

“O video acaba com a moneyshot onde a câmera dá um close no rosto da mulher mais velha que está sentada no chão encostada na cama, esperando pela ejaculação do homem, enquanto o ator está em pé se masturbando e ejacula em seu rosto,(só está enquadrado na cena o rosto e o pênis) a cena termina com a mulher mais jovem lambendo de forma que limpa a ejaculação do rosto da mulher e as duas se beijando, sendo que o beijo é bem performático de modo a mostrar as línguas e a porra.” Diário de campo vídeo  
[http://www.pornhub.com/view\\_video.php?viewkey=1282589100](http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=1282589100)Soccer mom Sport fucks on a dare.

“O vídeo tem 20 minutos e termina com a tradicional Money shot, sendo que assim que o ator vai gozar ele para de penetrar a atriz e fica em uma posição acima dela, geralmente as moneyshots são assim, filmadas em um ângulo de cima pra baixo e a mulher está em uma posição submissa ajoelhada ou deitada esperando o gozo.O ângulo de cima para baixo foi usado em filmes como Cidadão Kane quando figuras de autoridade entravam em cena. O ator goza na boca e no rosto da atriz, sendo que ela cospe para mostrar o mesmo e o vídeo termina com um close em seu rosto lambuzado

de esperma.” Diário de campo, vídeo  
<[http://www.pornhub.com/view\\_video.php?viewkey=2ef8dbd9ab0f25ff64c7](http://www.pornhub.com/view_video.php?viewkey=2ef8dbd9ab0f25ff64c7)>  
Japanese censored school girl porn.

Os fluidos corporais na pornografia são valorizados e policiados ao mesmo tempo, existindo um momento certo e uma maneira para se realizar seu registro imagético. Enquanto alguns são valorizados outros são repudiados e abolidos. Ressalto que o presente trabalho se foca na pornografia *mainstream*, existem gêneros de filmes pornográficos que subvertem essa ordem como o *scatporn* onde os dejetos humanos são valorizados e não suprimidos. Leach (1983) coloca as exsudações do corpo humano como uma fonte universal de tabu, sendo que o tabu serviria para separar o eu do mundo e depois para dividir o próprio mundo em zonas de distância social, onde, fezes, urina, sêmen, saliva, entre outras secreções corporais, seriam simultaneamente eu e não-eu. Para o autor não é simplesmente que tais substâncias sejam consideradas como sujas, elas são poderosas, em todo o mundo, seriam essas substâncias os ingredientes primários dos “remédios mágicos”. A partir das *Money shots* observei uma invocação tanto do sujo quanto do poderoso e justamente por ser tomado por sujo e restrito a um ambiente privado que sua presença é poderosa e espetacularizada. As atrizes nos vídeos tratam o gozo masculino como um néctar delicioso e em muitas cenas esperam pacientemente para recebê-lo em suas bocas e rosto, a cena para, o coito é interrompido, a câmera dá um close no pênis e no esperma, afinal naquele momento esse é o registro mais importante e merece toda a atenção.



## Considerações Finais

Ao longo do trabalho analisei o universo pornográfico *mainstream* veiculado no *pornhub.com*, para tentar entender os usos que estariam sendo feitos deste material por seus espectadores, quais representações da sexualidade feminina estariam sendo negociadas por estes vídeos. Confesso que como feminista entrei em campo bem desconfiada e esperando o pior, esperava encontrar um ambiente extremamente misógino, com narrativas que teriam como único propósito objetificar a mulher, mas não foi isso que encontrei. Mesmo dentro da pornografia *mainstream* existe uma enorme confluência de representações e essas nem sempre representam a mulher de uma forma desumanizada, pelo contrário algumas categorias representam uma mulher agente de seus desejos, uma mulher que gosta de sexo e que não deixa se subjugar pelo parceiro de cena. Penso que a violência na pornografia deve ser problematizada e combatida, porém não concordo com a censura. Vejo algumas correntes feministas, especialmente o feminismo radical, analisando a pornografia de uma forma muito simplista, demonizando automaticamente toda a produção pornográfica, sem se deter em diversas questões. Tratando de forma quase que imediata a atriz pornô como uma vítima, muitas são sim e têm uma trajetória de vida muito difícil, porém muitas outras fizeram aquela escolha e gostam de seu trabalho. Ora por que uma mulher que trabalhe com sexo, tem que ser automaticamente uma vítima? Acho que já partir do pressuposto que a veiculação da mulher com o sexo, tem que ser por essa via, é tão nocivo quanto não tecer reflexões acerca da violência contra a mulher presente no mercado do sexo, pois não leva em conta a agência dessas mulheres e subestima suas capacidades. Algumas atrizes são escritoras como a Sasha Grey e a Stoya, algumas são acadêmicas como a Angela White que se formou com menção honrosa pela Universidade de Melbourne ou a Belle Knox que faz direito na Duke University, uma das universidades mais prestigiadas do mundo. Colocar todas essas mulheres em um mesmo balaio só contribui para o enorme estigma social que a profissão delas acarreta.

A pornografia é um mercado e como mercado está sujeita a uma lógica de oferta e demanda. Tendo em mente o aspecto mercadológico da produção pornô, o material produzido é pensado para ser vendido, logo apela aos interesses de seu consumidor, que é presumido como um homem heterossexual. Penso não haver uma intenção deliberada

de produzir um material misógino, uma vez que esses filmes são uma produção cultural e como tal refletem a cultura em que estão imersos. A produção pornográfica não é mais nem menos misógina que sua irmã, a produção cinematográfica, a única diferença é o sexo. Williams (2012) em seu artigo *Screening sex* faz um jogo de palavras uma vez que o verbo *screen* possui dois significados ao mesmo tempo em que *screen* significa revelar em uma tela ou esconder através de uma tela, dessa forma o filme tanto revelaria quanto esconderia. Os filmes convencionais esconderiam o sexo e explicitariam a história enquanto que os filmes pornográficos esconderiam a história e explicitariam o sexo. Porém ambos negociam as mesmas representações de gênero.

Em 1985 uma tira da série *Dykes to Watch Out For* da cartunista Alison Bechdel, trazia duas personagens conversando sobre um teste feito em filmes que elas gostariam de assistir. Este teste ficou conhecido como o teste de Bechdel e é muito usado para analisar as representações femininas e o sexismo veiculado em filmes, livros, televisão, entre outras formas de mídia. Tal teste é bem simples, com somente três regras: o filme deve possuir pelo menos dois personagens femininos (com nomes), essas personagens tem que conversar entre si, sobre qualquer assunto que não seja homem. De uma forma impressionante, dada à simplicidade do teste, boa parte da produção hollywoodiana (o cinema *mainstream*) não passa. Filmes clássicos como *Cidadão Kane* (1941), *Casablanca* (1942), *2001: uma odisseia no espaço* (1968), *Star Wars* (1977), *Taxi driver* (1976), entre, infelizmente, muitos e muitos outros, não passam. Até mesmo filmes mais recentes como os indicados ao Oscar de 2015 a melhor filme, dos oito indicados, somente quatro passaram. Não que passar no teste de Bechdel seja uma grande vitória para a igualdade de gênero, peguemos os quatro indicados a melhor filme que passaram: *Selma*, *Boyhood*, *Birdman* e *The theory of everything*. *Selma* conta a história de Martin Luther King e da marcha pelos direitos civis dos EUA; *Boyhood* conta a história de amadurecimento de um garoto e sua relação com os pais divorciados; *Birdman* conta a história de um ator famoso em decadência e sua volta aos palcos; *The theory of everything* conta a história do primeiro casamento de Stephen Hawking. Todos estes filmes têm homens como seus protagonistas. Não quero com isso inferir que esses filmes não possuam valor social. *Selma*, por exemplo, é um filme importante que aborda questões raciais extremamente pertinentes, especialmente dado o contexto político nos Estados Unidos, com os protestos de Ferguson. Porém é no mínimo problemático a quase inexistência de representação feminina em Hollywood, isso

porque só estou falando em termos de gênero, se adicionar, raça, nacionalidade, sexualidade e outros marcadores sociais, aí é que a situação se complica, porque a representação de minorias é quase inexistente.

O fato da produção pornográfica ser voltada ao homem heterossexual, perpassa questões complexas. Como o constante policiamento da sexualidade feminina e patologização de seus desejos. Talvez se masturbação feminina não fosse um tabu tão grande, haveria mais usuárias no pornhub, com mais mulheres consumindo vídeos pornôs as produtoras se adequariam e produziriam filmes centralizando também o desejo feminino.

Os casos das atrizes Belle Knox, Mia Khalifa e Kristy Althaus exemplificam bem a patologização do desejo feminino. A veiculação da mulher com o sexo traz um enorme estigma social para as profissionais do sexo. Quando essas mulheres foram reconhecidas como atrizes pornô chegaram até a receber ameaças de morte, tendo sua vida pessoal extremamente afetada. Kristy Althaus teve seus registros de Miss apagados e chegaram a pedir a expulsão de Belle Knox da universidade. Ao falar das ameaças que vinha recebendo Belle Knox respondeu: *“You want to see me naked. And then you want to judge me for letting you see me naked”* <sup>57</sup>. A maioria das atrizes num esforço de manter sua vida pessoal separada da profissional adotam nomes artísticos, assim como Belle Knox/Miriam Weeks e Kristy Althaus teriam feito no começo. É raro que uma atriz use o nome de sua certidão nos filmes, sendo que geralmente as atrizes que estão identificadas por seus nomes de batismo são celebridades que tiveram suas *sex tape* vazadas, como a socialite Kim Kardashian

Dessa forma não penso que o posicionamento de correntes feministas mais radicais seja profícuo, primeiramente porque tentar censurar a pornografia é como tentar enxugar gelo, cada vez mais existem mais veículos e formas de consumi-la, o feminismo radical tenta há décadas censurar a pornografia sem muitos resultados. Talvez uma forma mais eficiente seja se inserir também nesses espaços, as produtoras funcionam sob uma lógica de oferta e demanda, e estão atentas aos espectadores, a própria estrutura do *pornhub.com* deixa isso claro com espectadores influenciando desde a velocidade dos downloads aos nomes das categorias. Penso que se houvessem

---

<sup>57</sup>Excerto retirado de reportagem disponível no endereço eletrônico: <http://nypost.com/2014/03/04/duke-porn-star-reveals-herself/>

mais usuárias e mulheres consumindo pornografia o desejo masculino não seria mais tão central nessas representações e as mesmas proporião relações mais simétricas de gênero.

“A pornografia é um terreno fértil para se refletir sobre como a transgressão e a dissidência de normas de caráter sexual ou de gênero convivem com a obediência e reiteração das mesmas. Diversos discursos sobre raça, gênero, entre outros marcadores sociais da diferença, estariam presentes com seus enunciados e efeitos políticos nos múltiplos corpos, prazeres e práticas sexuais dissidentes retratadas na pornografia” (Gregori & Díaz-Benítez 2012, pg. 8).

A fala de Díaz Benítez e Gregori é um bom jeito de encerrar meu texto, pois se teve um fator que perpassou constantemente meu trabalho é a contradição, no sentido em que assim como proposto pelas autoras a pornografia simultaneamente transgride e reitera normas de caráter sexual ou de gênero. Ao mesmo tempo em que existem vídeos que fazem representações transgressoras do ideal machista a que a sexualidade feminina é submetida, há também representações misóginas que só o reiteram. Busquei ao longo desse trabalho levar essas representações ambíguas em consideração.

## Glossário

Neste glossário busquei explicar os termos utilizados pelos usuários do Pornhub para classificar os vídeos e alguns termos em inglês que surgem no meio virtual. Procurei traduzir o vocabulário de uma forma êmica, aproximando os significados em português e em inglês, dessa forma se o usuário utilizou uma gíria, também procurei traduzir com uma gíria.

*BBW* – É uma categoria pornográfica de vídeos com mulheres gordas.

*Bondage* – É uma prática sexual relacionada com o sadomasoquismo que consiste em imobilizar o parceiro com cordas.

*Bukkake* – É uma classificação pornográfica para vídeos onde vários homens gozam no rosto de uma mulher ajoelhada.

*Creampie* – Termo utilizado para identificar os vídeos onde o ator goza na vagina de sua parceira e não em seu rosto, como é feito na maioria dos vídeos com as moneyshots.

*Ebony* – São os vídeos realizados atrizes negras.

*Fisting* – Prática sexual em que a mão ou o antebraço são inseridos na vagina ou no ânus.

*Gangbang* – Termo utilizado para designar vídeos de sexo grupal, onde uma mulher transa com vários homens ou um homem transa com várias mulheres, sendo que são mais comuns os vídeos em que uma mulher transa com vários homens.

*Hentai* – São vídeos de origem japonesa, influenciados pela estética do mangá. São animações de desenhos pornográficos

*Mainstream* – Em uma tradução literal pode significar “corrente principal” ou “fluxo principal”, é um termo utilizado para designar as tendências mais populares.

*MILF* – É um acrônimo da expressão: “mother I would like to fuck”, ou em português “mãe que eu gostaria de fuder”. São vídeos realizados com atrizes mais velhas.

*Moneyshots* ou *Cumshots* – É a cena de ejaculação masculina, geralmente é o desfecho do vídeo, onde o ator goza no rosto de sua parceira de cena.

*POV* – É um acrônimo de “point of view” ou ponto de vista. Identifica os vídeos que são inteiramente gravados com câmera subjetiva, da perspectiva do homem em cena.

*Tags* – Literalmente significam etiquetas, as tags funcionam como marcadores que os usuários utilizam para identificar práticas sexuais ou outros elementos presentes nos vídeos. São muito importantes para a organização e as classificações do site.

*Scat porn* – É a pornografia escatológica realizada com dejetos humanos.

*Shemale* – São os vídeos com travestis.

*Squirt* – São os vídeos em que ocorre ejaculação feminina, geralmente essas se dão de forma bem fantástica onde jatos de fluídos saem da vagina das atrizes.

*Username* – É o nome de usuário, a identificação daquele indivíduo em espaços online.

## Referências Bibliográficas

BARROSO SILVA, Júlio César Casarin. **Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, janeiro-abril/2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DÍAZ BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas Redes do Sexo: Bastidores e Cenários do pornô brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.

DUNN, Robert G. **Identifying Consumption: Subjects and objects in consumer society**. Philadelphia: Temple University Press 2008.

DURKHEIM, Emile & MAUSS, Marcel. **Contribuição para o Estudo das Representações Coletivas (1903)**. In: Ensaio de Sociologia. São Paulo, Perspectiva, 1981, p. 399-455.

GREGORI, Maria Filomena & DÍAZ BENÍTEZ, Maria Elvira. **Apresentação**. Dossiê: Pornô, Cadernos Pagano.38 Campinas Jan./June 2012

GREGORI, Maria Filomena. **Relações de violência e erotismo**. In: Erotismo, prazer, perigo, Cadernos Pagu no.20 Campinas 2003.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. SagePublications, 2000.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

KULICK, Don. **Pornô**. In: Dossiê: Pornô, CadernosPagano.38 Campinas Jan./June 2012

LEACH, Edmund. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1983.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros**. In: Dossiê: Pornô, Cadernos Pagu no.38 Campinas Jan./June 2012

LEITE JÚNIOR, Jorge. **Das Maravilhas e prodígios sexuais: A pornografia “bizarra” como entretenimento.**São Paulo: Annablume, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA COSTA, Claudia. **O leito de procusto: Gênero, linguagem e as teorias feministas.** In: Cadernos Pagu (2) 1994.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial – Raça, travestismo e o culto da domesticidade.** In: Erotismo, prazer, perigo, Cadernos Pagu no.20 Campinas, 2003.

PEIXOTO, Clarice.**Caleidoscópio de Imagens: O uso do vídeo e a sua contribuição à análise das relações sociais.** In: Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais – Campinas, SP: Papirus, 1998.

PISCITELLI, Adriana. **Apresentação: gênero no mercado do sexo.** Mercado do sexo, Cadernos Pagu no.25 Campinas July/Dec. 2005

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo.** Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf>>.

RÜDIGER, Francisco. **Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual.** In: Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos 14(2):155-163 maio/agosto 2012.

SILVA PAIVA, Carla Conceição da & ARAÚJO, Juliano José de & BARRETO, Rodrigo Ribeiro. **Apresentação.** In: Cultura audiovisual: transformações estéticas, autorais e representacionais em multimeios– Campinas, SP: UNICAMP/Instituto de Artes, 2013.

WILLIAMS, Linda. **Screening Sex: Revelando e dissimulando o sexo.** In:Dossiê: Pornôs, Cadernos Pagu no.38 Campinas Jan./June, 2012.

#### **Mídia online**

<https://now.mmedia.me/lb/en/commentaryanalysis/564616-mamma-mia-how-one-feminist-feels-about-mia-khalifa>



<http://www.buzzfeed.com/richardh james/this-is-what-its-actually-like-to-work-as-a-female-porn-star#.plwkz0ezWA>

<http://www.nydailynews.com/news/national/duke-porn-star-belle-knox-sex-workers-article-1.1712359>

[http://en.wikipedia.org/wiki/Belle\\_Knox](http://en.wikipedia.org/wiki/Belle_Knox)

<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,rebelde-sem-calca,1146726>

<http://www.pornhub.com/insights/2014-year-in-review/>

[http://www.law.cornell.edu/supct/html/historics/USSC\\_CR\\_0413\\_0015\\_ZS.html](http://www.law.cornell.edu/supct/html/historics/USSC_CR_0413_0015_ZS.html)